



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO**

**AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS, ESTILÍSTICAS E
ECONÔMICAS NA COBERTURA FOTOGRÁFICA
DAS COPAS DO MUNDO**

**Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.**

THAYAN RIBEIRO BARRETO

Orientador: Prof. Dante Gastaldoni

Rio de Janeiro

2011

BARRETO, Thayan Ribeiro. As mudanças tecnológicas, estilísticas e econômicas na cobertura fotográfica das Copas do Mundo. Orientador: Prof. Dante Gastaldoni. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

O trabalho faz uma análise tecnológica, estética e econômica sobre a cobertura fotográfica das Copas do Mundo pelos principais jornais brasileiros, aprofundando-se mais detidamente na cobertura feita pelo jornal LANCE! da Copa da África do Sul, em 2010. As dificuldades de transmissão das fotos, encontradas pelos fotógrafos antes da época digital, são também consideradas, paralelamente com a mudança do perfil econômico das documentações internacionais, que passaram a priorizar a contratação das Agências de Notícias ao envio de seus próprios fotógrafos para a documentação dos grandes eventos. Calcada em análise de fotos e entrevistas, a presente pesquisa conclui fazendo uma previsão para a Copa do Mundo de 2014, que ocorrerá no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Fotojornalismo, Agências de Notícias, Imagem Digital, Jornalismo On-line, Copa do Mundo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **As mudanças tecnológicas, estilísticas e econômicas na cobertura fotográfica das Copas do Mundo**, elaborada por Thayan Ribeiro Barreto.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dante Gastaldoni
Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profª. Maria Teresa Ferreira Bastos
Doutora em Letras/Estudos de Literatura PUC-Rio
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Prof. Mauricio Schleder
Professor de Comunicação Social
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

BARRETO, Thayan Ribeiro.

As mudanças tecnológicas, estilísticas e econômicas na cobertura fotográfica das Copas do Mundo. Rio de Janeiro, 2011.

Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação - ECO.

Orientador: Prof. Dante Gastaldoni

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO

2- DE PELÉ A ROMÁRIO – UMA DOCUMENTAÇÃO ANALÓGICA

2.1 - A importância da imagem fotográfica nos primeiros Mundiais

2.2 - Seleção e análise de algumas imagens marcantes

2.3 - O “jurássico” processo de transmissão via telefoto

3- O FENÔMENO DIGITAL

3.1 - Facilidade no armazenamento e transmissão de dados

3.2 - Agências de Notícias: cresce a oferta de imagens on-line

3.3 - Cobertura do jornal x Cobertura das agências: uma briga desigual

4- COBERTURA DA COPA DE 2010 PELO “LANCE!”

4.1 - Análise do material produzido pelo jornal

4.2 - Análise do material produzido pelas agências

4.3 - Uma projeção: o caráter atípico da Copa de 2014, no Brasil

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

6- REFERÊNCIAS

7 - ANEXOS

Agradecimentos

À minha mãe, meu pai e minha irmã Thamy.

Aos meus amigos e irmãos do coração: Renato, Mac, Jet Lee, Jocastinha, Empada, Tuta, Frioca, Montanha, Valberson, Pupinho, Tomzito, Pedro Ivo, Mazzinha, Brenoca e Marininha linda.

Aos meus amigos da ECO, que além de sempre me ajudar e me divertiram nesses anos: Michael, caderno do Michael, Macon, Fladson, Barrosão, Fernanda, Priscilla, Mariana Freire, Malu, Marcella, Camila, Jesus, JR, Carol Wanderley, Nini, Presidente.

Aos meus familiares que sempre acreditaram em mim: meus avós Fernando, Dinália, Geraldo e Lucy, minha Dinda, Tia Dadate, Tio Ricardo, Tia Rosane, Tio Galdino, Meme, Lulu, Molusco, minha irmãzinha Gabrielinha, Patrícia, Gilberto Cardoso, Laura Bergallo.

Aos meus amigos de redação, com quem eu aprendi o pouco que já sei: Daniel Leal, Rodrigo Cerqueira, Tilhones, Firmão, Fabio Lima, Túlio Baia, Miguel Yen, Léo Pereira, Beto, Gabrielzinho, Dani, Migama, Bacalhinho, Jango, Yuri.

Ao meu orientador Dante.

À inocência de espírito.

1 – INTRODUÇÃO

A fotografia passou por muitas mudanças nos últimos anos. A transição da tecnologia analógica para a digital fez com que a estrutura de divulgação de fotografias sofresse muitas alterações. Como toda mudança, foi positiva em diversos aspectos, mas causou transtornos no ciclo de produção então estabelecido. Este trabalho pretende, entre outras coisas, analisar a atitude das empresas jornalísticas em relação à produção de imagens diante do novo cenário.

O lado financeiro será aqui constantemente abordado, já que é fundamental nos veículos de comunicação, como em qualquer outra empresa. Não é possível ignorar os custos de enviar qualquer profissional a um evento e o que vai trazer de retorno tê-lo in loco.

Em 2010, a Copa do Mundo da África do Sul teve uma cobertura fotográfica fantástica, mas a qualidade das fotos não é, necessariamente, melhor do que as fotos, por exemplo, do Mundial de 1950, no Brasil. Há uma grande quantidade de registros fantásticos da final da Copa no Maracanã lotado, contra o Uruguai, que foi talvez a maior tragédia da história do futebol brasileiro.

Com o advento do digital, vamos falar do crescimento das agências de notícias e da função dos fotógrafos enviados a grandes eventos esportivos, sempre focando nas Copas do Mundo. Qual seria o número de fotógrafos que deveriam ser enviados aos eventos? Qual a função deles? Como usar as agências internacionais e ainda conseguir dar um ar de exclusividade ao jornal?

Como agora, em um mundo globalizado, qualquer pessoa tem acesso à fotografia digital, as coberturas mudaram muito. Os leitores, blogs e redes sociais passam a ter mais importância e uma foto exclusiva de um jornal ou um vídeo de uma televisão passam a ser mais raros e importantes para o veículo que os consegue.

Inicialmente, será feita uma análise da importância da fotografia nos primeiros Mundiais, no tempo em que até os registros em vídeo eram mais raros e as partidas não tinham transmissão ao vivo de rádio. Na sequência, algumas fotografias do começo das Copas do Mundo serão analisadas, além de uma foto de cada título mundial do Brasil, ratificando a importância de fotos históricas e marcantes para o esporte mais popular do planeta.

Antes não era fácil enviar uma fotografia para o Brasil. Para conseguir, era necessário um longo tempo e um equipamento grande e pesado. Neste trabalho esse

processo também será explicado e histórias curiosas que aconteciam pela complexidade de ter apenas uma fotografia em uma redação de um jornal no Brasil.

Com a chegada do processo digital, a vida dos fotógrafos ficou mais fácil e as fotos chegavam aos jornais mais rapidamente. A agilidade passou a ser fundamental com a internet, e com poucos minutos de um jogo já era possível ter muitas fotos à disposição. Mas com o digital, menos profissionais eram enviados aos eventos e os jornais preferiam usar o vasto cardápio de opções das muitas agências internacionais. Até que ponto isso é saudável para um jornal? Será que pode atrapalhar a relação com o leitor?

Vamos ver também se é ou não possível competir com uma agência na cobertura da partida de uma Copa ou no material que é produzido no dia a dia de um grande evento. Quantos fotógrafos estão em cada jogo? Em qual momento as agências ajudam os clientes? Em qual momento não são úteis?

Veremos também se é perigoso ou prejudicial para a cobertura do LANCE! utilizar fotos de repórteres de texto, que não têm uma preparação adequada para fotografar profissionalmente, e em qual momento os fotógrafos profissionais fizeram falta em matérias exclusivas.

Para finalizar o trabalho, será feita uma análise da cobertura fotográfica do Diário LANCE!, o maior jornal de esportes do Brasil, na Copa do Mundo da África do Sul, em 2010. Veremos como foram produzidas as matérias feitas apenas pelos enviados especiais do jornal e como o material das agências de notícias foi aproveitado por aquele jornal. Ainda será feita uma projeção do Mundial de 2014, que acontecerá no Brasil, então os jornais terão mais fotógrafos à disposição em sua cobertura.

Para fazer todas essas análises, o autor utilizará um método diferente do habitual: enquanto, normalmente, os autores utilizam muitos textos acadêmicos, neste trabalho será predominante o uso de entrevistas com personagens ligados ao tema. Editores de diferentes níveis do jornal LANCE!, Rodrigo Cerqueira, que lidera o núcleo de Futebol Internacional, e Eduardo Tironi, editor-executivo de mídias digitais do grupo, dará seus depoimentos sobre como eles chegaram à conclusão de que contratar agências internacionais pode ser bom para o jornal e como é feita a cobrança sobre os enviados ao evento.

Ari Ferreira, o único fotógrafo profissional enviado para a África do Sul, também será outro a dar depoimentos. Ele contará como foi a experiência e quais as matérias que ele mais gostou de ter produzido. Outro fotógrafo entrevistado e que

ajudará a explicar como é feita a cobertura fotográfica de um evento grande é Marcelo Sayão, que trabalha para a agência de notícias espanhola EFE Servicios. O profissional falará sobre como é o trabalho de um fotógrafo que precisa mandar seu trabalho para muitos veículos diferentes.

Para contar como é trabalhar sem o acompanhamento de um fotógrafo profissional e, mesmo assim, ter a obrigação de ilustrar suas matérias, o repórter de texto Pedro Henrique Torre, dirá como foi cobrir diversas seleções, e registrar tudo com uma câmera amadora e um celular com câmera de alta resolução. Os editores também darão sua opinião sobre as fotos enviadas por repórteres e em quais pontos as agências deixam a desejar no dia-a-dia das matérias do jornal.

Para concluir as entrevistas e completar todos os aspectos que pretendem ser abordados pelo trabalho, uma entrevista com Evandro Teixeira, renomado fotógrafo, que esteve nas Copas do Mundo de 1962, no Chile, até 1998, na França. Evandro contará ótimas histórias e vai explicar bem como era complicado e trabalhoso o envio de fotografias para a redação do Jornal do Brasil.

As entrevistas são uma maneira diferente de se fazer uma monografia. Acredito que seja um pouco mais atual, e em um tema como a fotografia nas Copas do Mundo (das primeiras até os Mundiais que ainda estão por vir), acredito que são a melhor saída para deixar o mais claro possível as ideias e os propósitos adotados pelo autor.

Vamos ver como, em uma grande matéria, as coberturas fotográficas mudaram com o passar do tempo. Sem muitas citações acadêmicas, espero que a leitura se torne mais agradável e menos cansativa. Em algumas passagens desta monografia, estudiosos da fotografia, como Milton Guran, serão citados, mas o texto acadêmico não será uma constante.

Pretendemos que a narrativa seja pedagógica e ilustrativa, ao contar através das histórias das Copas do Mundo um pouco do que aconteceu na fotografia. Por exemplo, uma foto não será apenas analisada, mas todo o contexto na qual ela está inserida também será contado e, sem dúvidas, isso vai ajudar no entendimento dos registros fotográficos.

Além disso, diversos aspectos de uma fotografia serão levados em consideração e analisados, como a vestimenta dos jogadores em 1930, o posicionamento dos torcedores nos estádios recém-construídos, em quais lugares do campo os fotógrafos ficavam nos primeiros Mundiais, e como eles passaram a se espalhar pelos estádios com

o passar do tempo. A reação dos jogadores em jogadas positivas ou adversas para suas equipes.

A Copa do Mundo é o principal evento de futebol do planeta, então qualquer coisa que aconteça, dentro e fora dos gramados, fica marcada para sempre na cabeça dos torcedores. Uma fotografia passa a não ser apenas uma fotografia e vira um registro histórico e eterno do esporte. Um jogo qualquer de futebol pode ser esquecido, mas uma partida de uma Copa fica para sempre, e qualquer acontecimento acaba ganhando proporções faraônicas. Uma bola que entrou e o juiz não marcou gol, ou um puxão de camisa que os auxiliares não viram. Atualmente nada passa sem registro. O problema maior fica com os árbitros, os quais, por decisão da Fifa, não têm a tecnologia de última geração à disposição para fundamentar suas decisões, como em outros esportes como o tênis, o futebol americano e a fórmula 1, por exemplo.

Então, o trabalho pretende fazer uma análise de até que ponto é saudável contratar diversas agências internacionais e abrir mão da exclusividade de um repórter em um grande evento. Outro ponto que pretendemos analisar são as fotografias de amadores, principalmente repórteres de texto, em publicações diárias. Será que o leitor repara na diferença entre uma foto profissional e uma amadora? O que o repórter pode fazer para amenizar esse problema? Como ele consegue utilizar as agências de notícias da melhor maneira?

E como se dará a cobertura em 2014, com a Copa no nosso “quintal”? Repórteres fotográficos espalhados pelas ruas, casas, campos, treinos, praias, estádios, vestiários? O que será que vai acontecer no Brasil durante um dos maiores eventos esportivos do mundo? É preciso muita preparação, para na “hora da verdade”, a cobertura ficar completa e com a cara do jornalismo esportivo brasileiro.

2 – DE PELÉ A ROMÁRIO – UMA DOCUMENTAÇÃO ANALÓGICA

A fotografia se desenvolveu intensamente nas últimas décadas e um dos parâmetros que temos para observar este processo são precisamente as Copas do Mundo. De Pelé a Romário, ou seja, do primeiro Mundial, em 1930, até mais ou menos a Copa de 1994, nos Estados Unidos, a fotografia ainda quase que exclusivamente analógica, e as coberturas fotográficas que aconteceram no exterior eram bem mais complexas e, por que não dizer, curiosas.

A maneira de enviar e arquivar imagens eram “jurássicas”, se comparadas à tecnologia digital, largamente utilizada desde os anos 2000. A ampliação e envio das fotos era mais complicada e demorada, enquanto hoje em dia, aos cinco minutos de um jogo de futebol, o mundo todo já tem muitas opções de imagens das partidas. Neste capítulo vamos explicar como era feito o processo de telefoto, quais eram suas vantagens e desvantagens e como eram as dificuldades para transmitir uma simples foto para o Brasil.

Além disso, algumas imagens importantes para a História das Copas serão analisadas, evidenciando sua importância para ilustrar os primeiros Mundiais, quando ainda não havia registros de vídeos, nem transmissão ao vivo pelo rádio.

2.1 – A importância da imagem fotográfica nos primeiros Mundiais

Após duas tentativas fracassadas no começo do século XX, a primeira Copa do Mundo foi realizada apenas no ano de 1930, no Uruguai. O país sul-americano foi escolhido por ser a grande potência futebolística da época e bicampeão olímpico – 1924, em Amsterdã e 1928, em Paris. Apenas quatro países europeus disputaram o torneio (Bélgica, França, Iugoslávia e Romênia) e os outros sete foram das Américas (Uruguai, Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Estados Unidos, México, Paraguai e Peru).

A Copa é, para os brasileiros, o maior evento esportivo do mundo. Em 19 edições a “Seleção Canarinho” venceu cinco vezes (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002) e é a única seleção que participou de todas as edições. Nos jogos do Brasil, o país para. As crianças saem mais cedo de suas aulas e os trabalhos são interrompidos para acompanhar a Seleção.

No entanto, contar a história dos primeiros Mundiais não é uma tarefa simples. Até a Copa de 1950, no Brasil, os registros de vídeos são muito raros, então os arquivos

de textos e fotos ajudam a explicar o que aconteceu nas quatro primeiras Copas. As fotografias são em preto e branco e com qualidade ruim, mas carregam uma importância sem igual, já que ajudaram a construir o imaginário popular. Isso só foi possível devido à adoção da fotografia pela imprensa, como destaca Gisèle Freund, citada no livro “Linguagem Fotográfica e Informação” de Milton Guran:

Com a fotografia abre-se uma janela para o mundo. Os rostos dos personagens públicos, os acontecimentos que têm lugar em um mesmo país e além das fronteiras tornam-se familiares. Ao ampliar o campo de visão, o mundo se encolhe. A palavra escrita é abstrata, mas a imagem é o reflexo concreto do mundo onde cada um vive. A fotografia inaugura os mass-media visuais quando o retrato individual se vê substituído pelo retrato coletivo. (FREUND, 1976, p.96).

Quem completa bem esse raciocínio sobre a importância da fotografia em relação aos textos é Marilena Chauí, que, sem querer desmerecer os escritos, exalta de maneira fundamental as imagens, no seu livro “Janela da alma, espelho do mundo”:

A aptidão da vista para o discernimento – é o que nos faz descobrir mais diferenças – a coloca como principal sentido de que nos valem para o conhecimento e como mais poderoso, porque alcança as coisas celestes e terrestres, distingue movimentos, ações e figuras das coisas, e o faz com mais rapidez do que qualquer dos outros sentidos. É ela que imprime mais fortemente na imaginação e na memória as coisas percebidas, permitindo evocá-las com maior fidelidade e facilidade. (CHAUÍ, 1988, p.38).

Poucas pessoas tinham a oportunidade de ir aos estádios acompanhar suas seleções, então elas ficavam sabendo dos jogos pelos jornais e imaginavam as partidas através dos bons textos de jornalistas e das fotografias publicadas nos diários, que mesmo sem cores invadiam suas mentes e ajudavam no entendimento dos jogos.

As fotos são tiradas de perto do gramado, normalmente atrás do gol, como na foto do gol do título do Uruguai contra a Argentina, em 1930, no Estádio Centenário, em Montevideu no primeiro Mundial da história (Anexo 1, p.50). Isso ocorria, pois não havia tecnologia para boas fotos tiradas de longe. As fotos registram momentos importantes, mostrando que os repórteres fotográficos, assim como acontecem nas partidas atualmente, estavam atentos aos jogos e registravam chutes e gols.

O posicionamento deles é bem parecido com o dos fotógrafos dos jogos, por exemplo, de Mundiais e outros jogos recentes. Ou seja, o raciocínio não mudou, os fotógrafos se posicionavam de maneira “futurista”. Porém, agora, existe a tecnologia de super-teleobjetivas muito luminosas, dotadas de auto-focus e estabilizador de imagem, que aproximam e tiram fotos fantásticas, mesmo em condições adversas de luz, de detalhes dos jogos, tais como a chuteira de um jogador ou um close na cara dele mostrando a reação diante de alguma jogada.

Com o passar do tempo e a evolução das câmeras, fotos como a panorâmica do Maracanã na final da Copa de 1950 passaram a ser possíveis (Anexo 2, p 50). Nesta fotografia, que ocupa lugar privilegiado no “Museo del Fútbol” no Estádio Centenário, em Montevideu (palco da final do primeiro Mundial), podemos ver o estádio completamente lotado e muitas diferenças para um jogo de futebol atual. Nesta foto do Maracanã, a resolução já foi bem melhor, e foi possível ampliá-la até o tamanho de uma parede, como a que está no museu uruguaio.

Na Copa de 1950, no Brasil, existem alguns lances que têm registro de vídeo, como os dois gols dos uruguaiois que deram a vitória por 2 x 1 e o título no último jogo contra a Seleção Brasileira. Os vídeos históricos foram feitos atrás do gol e mostram o momento da falha de Barbosa nos chutes de Juan Alberto Schiaffino e de Alcides Ghiggia, que decretaram um dos episódios de mais triste lembrança do futebol brasileiro.

Algumas imagens, como a tradicional das equipes perfiladas antes da partida, que normalmente vêm em jornais e em pôsteres nos dias seguintes aos títulos ou das equipes entrando em campo no jogo decisivo (Anexo 3, p. 51), eram pintadas à mão. Assim, ficavam mais bonitas e saíam um pouco do tradicional e único preto e branco. Nas capas da tradicional revista O Cruzeiro, muitas fotos foram pintadas. Principalmente nesta revista, as fotos, por serem de matérias exclusivas eram posadas e davam um toque maior de exclusividade a O Cruzeiro.

2.2 – Seleção e análise de algumas imagens marcantes

Todo grande evento tem grandes fotos. São aquelas que nos marcam, que ficam na memória de todos que vivenciaram o acontecido. Com as Copas do Mundo não é diferente. É bem verdade que nos três primeiros Mundiais, as fotos não têm uma qualidade tão grande, nem uma composição tão trabalhada, mas por serem tão antigas e carregarem a História, como foi visto no item 2.1, elas são importantes e marcantes.

Já comentamos sobre a foto tirada atrás do gol do título do Uruguai contra a Argentina e sobre as fotos pintadas, mas vale uma análise mais profunda nessas fotografias. Na primeira (Anexo 1, p.50), por exemplo, podemos reparar em detalhes históricos curiosos. O goleiro, que salta de maneira pouco convencional em direção à bola, que já está dentro do gol, usa uma boina que não é vista atualmente nem nos senhores que andam pelas ruas de Copacabana. O salto dele em direção à bola faz com que a História se construa na cabeça dos torcedores de maneira curiosa: quem observa a foto pode pensar que na hora que a bola passou por ele, o arqueiro já estava batido, não havia mais chances de defesa. Quando ela já tinha direção de um gol certo, para mostrar para os torcedores que ele fez tudo que estava ao seu alcance para impedir o tento adversário ele se jogou de maneira desesperada e sabidamente ineficaz.

Ainda nesta foto, vemos que o futebol se desenvolveu bastante, além do uniforme dos jogadores, que será analisado em outra fotografia, vemos que a bola era feita de couro, ao contrário de toda a tecnologia que temos atualmente. A região da pequena área, onde o goleiro passa a maior parte do tempo respeita do ditado que diz: “onde o goleiro pisa não nasce grama”, e hoje, nos “tapetes” europeus e de Mundiais organizados pela Fifa, isso não é aceitável. Outra curiosidade que passou a ser proibida em jogos importantes é a cor do calção e das camisas dos dois times estão no mesmo tom, assim passa a ser uma missão ingrata distinguir qual a seleção defendida por cada integrante da foto. Essa determinação da Fifa de proibir mesmos tons nos calções e camisas é exatamente para impedir essa confusão em fotos ou transmissões que aconteciam em preto e branco. Até hoje é proibido, mesmo levando-se em conta que as transmissões são majoritariamente em cores.

Esta foto ainda tem outros pontos interessantes. Ela sugere que o acesso dos torcedores ao gramado é absolutamente franqueado. As arquibancadas estão totalmente lotadas e a beirada do campo também, sendo possível para qualquer uma dessas pessoas cometerem uma loucura e resolver punir com as próprias mãos o árbitro que “não apontou para o lado que deveria ter apontado”. Atualmente, determinados juizes e jogadores seriam capazes de não “sobreviver” aos 90 minutos de uma partida, se os torcedores tivessem tamanho acesso ao campo de futebol.

Em outra fotografia, a dos jogadores entrando no Estádio Centenário para a decisão da Copa (Anexo 3, p.51). Para começar o que chama mais atenção: um garotinho com um terno composto por paletó e bermuda marrons, cuja expressão passa uma certa angustia e cansaço. Os jogadores do Uruguai vestem uma roupa que, mesmo

que hoje seja muito desconfortável, parece mais útil para a prática de esportes do que a Argentina. Os shorts dos argentinos são maiores e o líder na entrada em campo usa um discreto cinto.

O estado do gramado é lastimável, possivelmente é pior do que os usados na Quarta Divisão do Campeonato Pernambucano. A marcação da linha do meio campo também é bem ruim e mal feita, subindo e descendo pelas muitas ondulações do gramado irregular e ralo. Em relação à pintura, a pessoa que pintou resolveu colocar um grande destaque na bola carregada pelo capitão uruguaio. Ela tem um brilho especial, que chama a atenção de quem olha a fotografia rapidamente. A preparação física dos atletas também é algo que pode ser observado de diferente do jogo praticado no século XXI. Eles não têm metade dos músculos dos jogadores atuais, são mirrados e aparentemente bem frágeis.

O tecido da camisa também é aparentemente bem pesado e desconfortável. Os fornecedores de material esportivo das seleções de agora cuidam dos atletas de maneira mais detalhista, impedindo que suas vestimentas retenham suor e fiquem mais pesadas, atrapalhando menos o desempenho em campo. Mais uma vez, observamos que os torcedores e o campo se fundem, não havendo qualquer tipo de separação de segurança ou algo que garanta a integridade física dos que estão trabalhando na partida.

As Copas que aconteceriam em 1942 e 1946 não ocorreram devido à Segunda Guerra Mundial. Por isso, podemos ver um grande avanço na qualidade das fotos do Mundial da França em 1938 até o do Brasil em 1950. Além de uma resolução melhor das fotografias, a composição delas já é mais trabalhada. O Mundial do Brasil teve muitas fotos marcantes. O “Maracanazo”, como ficou conhecido o jogo decisivo em que a Seleção Brasileira perdeu para o Uruguai por 2 x 1, de virada, tem registros fotográficos fantásticos e humanizados

A foto do garoto tentando ver a final da Copa é muito bonita (Anexo 4, p.52). Primeiro observamos o interesse que ele tem e a dificuldade que está passando para ver a partida. O olhar é atento, curioso e ansioso. As roupas são de quem vai sair para o seu programa mais importante do domingo. Os sapatos estão perfeitamente bem amarrados e o cabelo está bem cortado para ir à “missa”. Esta vestimenta não é típica de um garoto de oito ou nove anos que vai a um estádio de futebol atualmente. Hoje, uma criança torceria por seu time uniformizado dos pés à cabeça e os tênis substituiriam os sapatos tranquilamente. Pela composição dessa fotografia é que ele parece estar sozinho, e

levando em consideração que o Brasil perdeu a partida isso passa a ter um valor ainda maior.

O que também é muito interessante nesta foto são as pessoas que rodeiam o personagem principal. Poderia dizer torcedores, mas da maneira como se portam não parecem nem um pouco os torcedores que conhecemos. Todos estão sentados acompanhando a partida. Muito bem vestidos, com ternos ou camisas sociais, mas todos de calça. As pernas cruzadas de algumas pessoas passam impressão de calma e passividade. Há até um militar todo uniformizado em pé. Este é o retrato de um tempo em que os militares usavam seus uniformes em momentos de lazer. Hoje eles não fazem isso, primeiro porque têm medo de algum tipo de atentado por parte de bandidos, e depois, pois muitos têm vergonha de fazê-lo. Alguém poderia dizer que ele está no estádio trabalhando, e ele pode até estar fazendo a segurança da partida, mas neste caso, podemos confirmar que seu trabalho está sendo feito sem muita eficiência, uma vez que está de costas para os torcedores e com a mão na cintura.

Pelo teto do estádio, o Maracanã é o mesmo, claro antes das obras para a Copa do Mundo de 2014. A grande diferença é que as arquibancadas de concreto foram substituídas por cadeiras verdes, amarelas e brancas. No caso deste jogo, as luzes que estão ali para iluminar o gramado e fazer possível a execução das partidas noturnas são inúteis devido ao tempo, mesmo que ruim, claro. O dia não parecia ser ensolarado, devia ser uma tarde com nuvens, mas obviamente sem chuva.

Outro fato curiosíssimo nesta foto é a educação das pessoas, que não são vistas nem em uma partida com 2 mil pessoas em um estádio gigante como o Maracanã. Existe aí, um acordo de cavalheiros entre os que querem ver o jogo sentado e os que estão em pé. Para que uma fila pudesse ficar em pé e acompanhar o *match*, duas outras fileiras ficaram sem ninguém (a exceção do garotinho, que não tem altura para atrapalhar), para que os demais pudessem permanecer no “conforto” de seus assentos de concreto, sentados. Caso algum cidadão resolvesse ficar em pé em uma dessas duas fileiras, esse acordo seria desfeito e o restante do estádio todo, que nesse jogo tinha cerca de 200 mil pessoas, teria que ficar em pé também para ver a partida.

A foto do goleiro Maspoli, do Uruguai, consolando o brasileiro Augusto é o retrato símbolo da Copa (Anexo 5, p.53). A mão do arqueiro uruguaio no rosto do brasileiro e a expressão de tristeza do jogador do Brasil são marcantes. Parece que o jogador da Seleção perdeu algum ente querido ou aconteceu uma verdadeira tragédia com sua vida. E pelos relatos dos que viveram esse jogo, realmente foi uma tragédia.

Algo muito interessante é que o goleiro uruguaio, que poderia estar comemorando a conquista do mundo, abre mão desse momento para prestar sua solidariedade ao brasileiro. Relatos dados poucos anos atrás de jogadores do Uruguai que estiveram nesta decisão dizem que os carrascos não ficaram tão felizes ao ver a tristeza dos donos da casa, e a expressão de Maspoli nesta fotografia retrata bem esse sentimento.

A reação de Augusto ao carinho do companheiro de trabalho parece conflitante. Ao mesmo tempo em que ele aceita o consolo adversário, parece querer se livrar de tudo aquilo e acabar com o momento triste que vivia.

Apenas mais uma foto desse Mundial tão marcante será analisada. E é uma foto que todos os brasileiros com interesse por futebol sentem calafrio. A foto citada é a do primeiro gol do decisivo jogo do Mundial de 1950, no Brasil. O gol em questão foi de Schiaffino e foi o que deixou a partida contra os uruguaios empatada (Anexo 6, p.54). Depois Ghiggia selou a tragédia brasileira naquela Copa com o tento da virada e deu o título para o Uruguai. Nesta foto, observamos o curioso instante de dois jogadores, um brasileiro e um uruguaio, no exato momento antes de perceber que Schiaffino havia marcado o gol da chamada “Celeste Olímpica”. Há uma diferença clara entre os dois: um está preste a iniciar uma arrancada para comemorar o gol, e o outro está prestes a desmoronar em lágrimas no chão. Ainda são movimentos iniciais, mas pela curvatura do corpo do uruguaio, em posição de corrida, e os ombros do brasileiro baixos e desanimados, pode-se perceber que eles sabiam o que estava por vir.

Outro fato interessante é a cara de Schiaffino. Quem já jogou futebol e marcou um gol, mesmo que em um jogo com os amigos, sabe quando acertou um chute e a bola vai entrar. E sabe disso antes de todo mundo. Nesta foto, em que a bola está para entrar no gol brasileiro, o jogador que chutou já está com a boca aberta para gritar gol e, mesmo que sem uma boa resolução, tem como ver uma alegria em seu rosto.

O goleiro Barbosa, um dos grandes no seu tempo, se estica todo, mas não consegue impedir o gol uruguaio. Em 2000, ele disse: “a pena máxima no Brasil era de 30 anos, mas eu estou condenado à prisão perpétua, uma vez que minha pena já dura mais de 50 anos”. Nesta foto o chute parece indefensável, mas com esse gol e o de Ghiggia, que virou o jogo, o goleiro sofreu com acusação de ter falhado neste jogo por toda sua vida. A figura do árbitro da partida também merece ser comentada na foto. Ele está em um lugar onde aparece de corpo inteiro, mesmo pequeno, e está ali para validar

aquele momento. É como a lei, que vai dar a sentença de morte para alguém. Firme, rígido e todo de preto, como se veste a “morte” nos desenhos infantis.

Depois dessa Copa, o registro em vídeo ganhou força e a Fifa passou a produzir vídeos dos Mundiais a partir de 1954, na Suíça. Mesmo assim, muitas fotos marcaram a história desse esporte fantástico. Algumas delas serão analisadas, as que marcaram momentos para sempre. Cada uma das cinco conquistas do Brasil terá uma fotografia escolhida para análise.

Uma dessas fotos é do garoto Pelé, com apenas 17 anos, não conseguindo se conter e chorando nos ombros do goleiro Gilmar dos Santos Neves após a conquista do primeiro Mundial para a Seleção Brasileira (Anexo 7, p.54). Enquanto os fantásticos Gilmar e Didi aproveitam os louros da vitória sobre a Suécia por 5 a 2, Pelé, que marcou duas vezes no jogo, só consegue chorar. Diz ele que pensava no pai, Seu Dondinho, com quem acompanhou o jogo decisivo de 1950 pelo rádio, e quem viu chorar depois da derrota. Pelé foi até o pai e prometeu para ele que ganharia uma Copa do Mundo. Com apenas 17 anos já havia cumprido a promessa e, emocionado após o título, desabava em lágrimas nos ombros do goleiro.

Com uma mão, Gilmar comemora a conquista, e com a outra passa pelos ombros de Pelé. O que seria o Rei do Futebol está curvado diante de Gilmar, aproveitando o ombro do amigo. Didi, apelidado de “o Príncipe Etíope” – pela sua elegância ao jogar, não passava nenhuma expressão de felicidade, apenas o braço erguido denuncia que ele havia acabado de conquistar alguma coisa, pela sua expressão facial não parecia ser algo tão grandioso como uma Copa do Mundo.

Entre os braços de Didi e Gilmar, há um fotógrafo, que pela sua aparência é sueco e não parece estar muito satisfeito com o resultado do jogo, já que está com uma cara sem expressão alguma. Ele parece, porém, bastante profissional e está terminando seu trabalho, fazendo um registro da festa dos campeões do mundo. Neste caso, podemos dizer que, se ele tivesse do outro lado, a foto que estamos analisando poderia ser dele, então ele estava do lado errado da foto!

Para a Copa de 1962, algumas fotos poderiam ser analisadas. Poderia uma de Garrincha entre sete marcadores mexicanos no primeiro jogo do Brasil no Mundial do Chile, ou então de Pelé sentindo uma lesão. Mas a escolhida foi do “Anjo das pernas tortas” com a Taça Jules Rimet no colo (Anexo 8, p.55). Esta imagem mostra um gênio em um momento bastante particular e brincalhão. Ele carrega a taça de campeão do

mundo como se fosse um bebê em seu colo. Pode-se imaginar ele fazendo carinho nela depois do instante retratado pelo jornal O Estado de São Paulo.

O sorriso que o Mané dá para o troféu é de uma cumplicidade ímpar. Se olharmos apenas para a cara dele, podemos apostar que ele está olhando para uma criança, possivelmente seu filho que acabou de nascer. Pelo casaco de manga comprida, é possível afirmar que ele ainda estava no frio Chile, então essa foto deve ter sido tirada, no máximo, um dia após o triunfo canarinho.

Com a lesão de Pelé, ele foi o grande jogador da segunda conquista brasileira em Copas do Mundo. É sabido que Garrincha era uma pessoa humilde, sem os estrelismos que os jogadores de futebol costumam ter hoje em dia. E esta foto mostra um pouco da simplicidade do Mané Garrincha.

A Copa de 1970, no México, foi talvez o Mundial com mais fotos marcantes e passíveis de boas análises. Não apenas pela tecnologia ou pela época, mas principalmente pela história e pelos personagens que estavam envolvidos. Um torneio em que a Seleção venceu seis das seis partidas disputadas, e que tinha entre seus titulares cinco camisas dez, e entre eles o maior de todos: Pelé. O time que muitas pessoas consideram o melhor da história do futebol mundial foi também o mais “fotografável”.

Não foi simples abrir mão de fotos fantásticas, mas a que foi escolhida é o grande retrato da Copa do tricampeonato do Brasil. Pelé carregado por Jairzinho (Anexo 9, p.56) é um clássico do fotojornalismo brasileiro. Primeiro o que vale ser citado deste registro histórico é o tradicional soco no ar do Rei Pelé. O braço erguido foi uma das marcas registradas desse gênio dos campos e também do marketing. Se fossem apenas silhuetas, qualquer brasileiro saberia que o personagem principal da foto é o maior camisa dez de todos.

O sorriso de Pelé é exatamente o oposto do que vimos na foto do título de 1958, quando o garoto de 17 anos chorava no ombro de Gilmar. Nesta foto, 12 anos depois, o sorriso é o da experiência, da vivência e do fim da carreira que se aproximava com dignidade. É a clara prova do Príncipe que virou o Rei do Futebol. Já é possível ver as marcas da idade no rosto e a fragilidade da juventude dá lugar à maturidade de um homem plenamente realizado aos 30 anos de idade. Quem estava ali não era mais o garoto em prantos, apoiado pelo ombro amigo do goleiro Gilmar; era o Rei Pelé, socando o ar, erguido pelo Furacão da Copa, Jairzinho.

A foto já tem o recurso das cores, o que transmite a força da cor dessa camisa amarela com gola e manga verdes. O número de Jairzinho, de desenho clássico, também verde, marca uma época que constantemente tenta ser copiada pelas fornecedoras de material esportivo que fazem as camisas da Seleção, mas desta maneira, convenhamos, eles não vão conseguir fazer. O calção de Pelé, que pode ser visto apenas um pedaço, também tem um azul forte e com o traço branco, que completa as cores da bandeira do Brasil. Com um pouco de imaginação podemos até ver a bandeira nacional nessa foto.

O abraço dos dois nessa imagem é o símbolo da Seleção. Um time que parecia ser unido e se conhecia absurdamente bem dentro e fora das quatro linhas. E para fechar com chave de ouro, a sujeira no uniforme dos jogadores. O barro próximo ao número 7 e no ombro de Pelé. Isso é a prova que esse time não era apenas técnica e habilidade, mas eles davam o sangue e faziam muita força pela equipe.

Demorou 24 anos para mais uma conquista brasileira em um Mundial. E o título veio na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos. A conquista veio com exibições fantásticas de Romário e Bebeto no ataque da Seleção. Eles fizeram gols importantes e, assim como a dupla Garrincha e Pelé, nunca perderam quando entraram em campo juntos com a camisa do Brasil. Essa dupla é a responsável por essa foto que será analisada agora. A foto da comemoração “embala neném” para homenagear Matheus, filho de Bebeto (Anexo 10, p.57) virou um marco nas homenagens aos bebês de jogadores que viriam a nascer.

O curioso é que na mesma Copa, o lateral-esquerdo e meio-campista Leonardo já havia feito a mesma comemoração para seu filho Lucas, que também nasceu durante a Copa. Porém, apenas neste jogo de quartas de final, a comemoração ficou imortalizada com Bebeto, que teve a ajuda de Mazinho e Romário.

Há uma semelhança enorme entre esta foto e a de Mané Garrincha carregando a Taça Jules Rimet no colo como um filho. Bebeto fez o gesto de segurar uma criança nos braços para homenagear seu recém-nascido herdeiro. A expressão de Bebeto é de extrema felicidade, como se estivesse realmente com seu filho no colo. O camisa sete faz questão de mostrar para todos o que está sentindo. Ele havia acabado de marcar um gol muito importante para a classificação brasileira na partida contra a Holanda, que classificou a Seleção para a semifinal contra a Suécia.

Mazinho apareceu para ajudar na festa e compartilhar da alegria do amigo de time. É um jogador que, claramente, tem uma certa idade e as marcas estão no rosto. Já Romário, ainda sem cabelos brancos vai ajudar a carregar o bebê do melhor parceiro de

Seleção Brasileira. As mãos do “Baixinho” ainda parecem carregar alguma coisa em oferta a Matheus, como um dos três Reis Magos, que levavam suas oferendas ao menino Jesus. A camisa azul usada nesta partida também ficou imortalizada. É um uniforme que quando é lembrado é diretamente associado a este jogo.

Lá no fundo, fora do foco que se limita aos jogadores brasileiros, é possível ver um jogador holandês, de cabeça baixa. Com sua camisa branca e o calção laranja, o atleta adversário aparenta clara preocupação com a partida e não parece mostrar forças para reagir. Lembrando que esse foi o segundo gol do jogo, e o Brasil vencia por 2 a 0. Um minuto depois a Holanda diminuiu a diferença e na sequência empataram o jogo, que foi vencido com uma bela cobrança de falta de Branco, o qual ainda contou com uma providencial saída de Romário, que estava na direção da bola e tirou o corpo para que a bola pudesse entrar no cantinho e decretar a vitória canarinho por 3 a 2.

Para finalizar a análise de fotografias importantes e marcantes de alguns Mundiais, vamos falar da última conquista da Seleção Brasileira: a Copa do Mundo de 2002, na Coreia do Sul e Japão. Obviamente, o personagem da foto será Ronaldo, que, depois de passar por muitos problemas de saúde, inclusive com cirurgias muito complexas, foi o artilheiro e grande jogador da Copa daquele ano. Mas a foto escolhida tem três pessoas muito importantes para o título brasileiro (Anexo 11, p.57).

Primeiro, claro, Ronaldo, autor de oito gols na competição, sendo dois na final. Depois, Rivaldo, que foi peça fundamental da conquista, fazendo ótimos jogos e neste gol abrindo as pernas para a bola passar para o Fenômeno marcar. E por último, o goleiro alemão Oliver Kahn, que em todo o torneio havia levado apenas um gol, e, logo na decisão, sofreu dois.

É incrível como uma decisão de Copa do Mundo imortaliza gestos e escolhas. Nesta foto, por exemplo, temos uma série de elementos imortalizados pelo título brasileiro. O cabelo de Ronaldo cortado em forma de meia-lua, ao estilo “Cascão”, usado apenas na semifinal contra a Turquia e na final contra a Alemanha é um elemento decisivo para saber de que momento do futebol estamos falando. O dedo indicador da mão direita do camisa nove levantado começou nesta Copa e virou moda em todos os campos de futebol do mundo, seja nos jogos na rua, na praia, ou até nos principais estádios profissionais.

Claramente podemos observar que Ronaldo está gritando “gol” nesta foto. No seu rosto vemos a mesma felicidade de Pelé e Garrincha, já citados. Já Rivaldo, abre os braços como quem diz: “acabou, amigos, é nosso!”.

E por último, o goleiro Oliver Kahn: cara fechada e a costeleta grande dão um ar muito sério para ele, bem ao estilo alemão, mais fechado, contido. É possível dizer que se seu time estivesse vencido ele estaria com a mesma expressão facial. Ainda de cabeça em pé, sem mostrar fraqueza em momento algum. Mas o que aconteceu todos sabem, mais um título mundial do Brasil e o pentacampeonato conquistado, com dois gols do artilheiro Ronaldo, que fez oito neste torneio.

É relevante recordar o que foi dito, por exemplo, sobre o gramado da foto do gol uruguaio na Copa de 1930. No primeiro Mundial não havia cuidado com o que envolvia o jogo, como segurança dos jogadores, liberando as arquibancadas até a beirada do gramado. Já nesta foto observamos um “tapete” no lugar de um gramado de futebol. A marcação das linhas é perfeita e não é possível observar falhas. Outro fator curioso são as placas de publicidade no fundo. As marcas patrocinadoras vão ficar para sempre, junto com os títulos em registros como esses. E o fotógrafo não parece ter se preocupado muito em tirá-la da foto, nem na hora de bater a foto e nem na hora de editá-la.

A cabeça do fotógrafo mudou com o passar do tempo, e com ela a qualidade e os personagens. Não é justo julgar se a foto do garotinho assistindo a final da Copa de 1950 é melhor do que as atuais, mas agora, está mais profissional, e com isso podemos dizer que está também mais capitalista, já que o que importa para os patrões dos fotógrafos é o retorno financeiro que eles vão trazer.

2.3 - O “jurássico” processo de transmissão via telefoto

“Éramos burros de carga.” (TEIXEIRA)

Estar em um grande evento esportivo é o que todo jornalista ou fotógrafo quer para sua carreira. Porém, isso vem junto com uma responsabilidade muito grande. Os fotógrafos de jornais ou revistas que iam para eventos como Copas do Mundo ou Olimpíadas, muitas vezes sofriam, e no caso dos fotógrafos, até fisicamente. O processo de ampliação e envio de fotos do exterior para o Brasil não era simples, nem rápido.

Na época da tecnologia analógica, era necessário quase uma hora para enviar apenas uma foto colorida. Os equipamentos pesavam mais ou menos 15 quilos e precisavam ser carregados para onde houvesse trabalho. Além disso, era necessária uma

estrutura de apoio bastante complexa para conseguir revelar uma fotografia, incluindo um ambiente escuro para servir de estúdio.

De acordo com Evandro Teixeira, que cobriu as Copas do Mundo de 1962, no Chile, até 1998, na França, o processo de transmissão de fotografias utilizado antes da tecnologia digital era bastante complicado. Apesar de reclamar do peso e do trabalho que era usar a máquina de telefotos, Evandro ainda tem delas guardada consigo, como recordação. Era preciso fazer uma conexão por telefone com o jornal, ligando cabos aos equipamentos e colocar a foto ampliada em um tambor. O tambor girava e a foto acompanhava o movimento para poder ser enviada. Par dar tudo certo precisava torcer para não ter problemas na conexão e, assim, o envio ser concluído com sucesso.

O envio demorava cerca de sete minutos para uma foto em preto e branco, quando a foto era colorida, era necessário passar a foto três vezes, uma vez para cada cor.

Quando era colorido, tínhamos que mandar três vezes: azul, magenta e amarelo, e cada cor demorava cerca de sete minutos. Depois disso a foto colorida estava no Brasil. Isso, claro, quando a transmissão de dados não travava e tinha que conectar de novo e recomeçar todo o trabalho! (TEIXEIRA).¹

Até mais ou menos o ano de 2000, na Olimpíada de Sidney, na Austrália, os fotógrafos ainda tinham que passar por tudo isso, a partir desse ano, alguns passaram a usar outra maneira de envio, por computador, mas ainda era necessário ampliar a foto e passar para o computador. Depois disso veio a tecnologia totalmente digital, que será analisada nos próximos capítulos.

Como já foi dito, para ampliação de uma fotografia, era necessário uma sala bem escura. Evandro lembra que muitas vezes conseguia ampliar, nos próprios estádios de futebol, mas na maior parte das vezes era necessário usar o banheiro do hotel, o que causava certos problemas, pois o processo todo de ampliação fazia uma sujeira bem grande. Essa sujeira dava aos repórteres fotográficos dores de cabeça e histórias curiosas e engraçadas, e em alguns casos acabavam com um final trágico.

Teve uma vez que eu estava com a Seleção Brasileira em um hotel cinco estrelas de Budapeste, em 1986, e nesta época era uma loucura arrumar um local escuro para

¹ Entrevista concedida ao autor na data 21/09/2011

revelar as fotos, então eu cheguei de um frio absurdo que fez no local do jogo e fui para o hotel. Eu estava muito cansado e fiz o trabalho todo rápido e fui dormir, pois não estava aguentando e precisava ir para a cama. O produto da ampliação corrói a roupa e as paredes também, então grudava na parede do hotel e nós precisávamos limpar tudo depois, para não ter problemas com os hotéis que estávamos, mas nesse dia eu estava cansado e não lavei nada. No dia seguinte a arrumadeira chegou para limpar o quarto e quando entrou no banheiro viu a bagunça toda, as paredes estavam destruídas e ela imediatamente chamou o gerente. Na hora que o gerente viu tudo eu fui expulso do hotel e eles me xingaram de todos os nomes que você pode imaginar na língua deles! (TEIXEIRA).²

Evandro acredita que a profissão ficou mais fácil, mas que hoje não existe mais a paixão que tinham antes e que as preocupações dos fotógrafos, até durante a partida, mudaram bastante:

Sem dúvida que na época da fotografia analógica era mais romântico, mais dramático e mais engraçado também. Hoje não temos mais as boas histórias que tínhamos na época. Hoje o fotógrafo está em um jogo e já está preocupado em mandar a foto para a redação e esquece até de acompanhar a partida. (TEIXEIRA).³

Já nas Copas do Mundo que Evandro Teixeira foi como fotógrafo, a preocupação durante o jogo era outra. Como o armazenamento não era digital, os fotógrafos precisavam trocar os filmes de suas máquinas. Sendo assim, era comum os fotógrafos levarem cerca de cinco filmes, de 36 poses cada, por partida, totalizando 180 imagens. Durante o jogo, a atenção era grande para em qual filme estava cada foto, pois depois eles não podiam perder muito tempo procurando em qual dos filmes estava a foto que eles queriam mandar para o Brasil: “Sempre tínhamos que fazer tudo o mais rápido possível, pois havia o *deadline* e a cobrança do Brasil era muito grande”.

Sobre o tempo de envio, o fotógrafo diz que variava da sorte de cada dia, mas na média eram mais ou menos 50 minutos por foto.

Para ampliar as fotos demorávamos cerca de dez a 15 minutos se fosse uma foto apenas, mas muitas vezes saía tudo preto ou tudo branco e tínhamos que repetir todo o

² Entrevista concedida ao autor na data 21/09/2011

³ Idem ao 2

processo. Se fossem mais fotos, obviamente, demorava mais, mas sabíamos que tinha que ampliar apenas o necessário para mandar para o Brasil, pois havia a pressão de enviar tudo logo. Com mais os sete minutos por cor de foto, ficava no total mais ou menos 50 minutos ou uma hora total por foto. (TEIXEIRA).⁴

Já o fotógrafo Ari Ferreira, do LANCE!, teve pouco contato com o envio de fotografia analógica, mas conta que não podia nem ficar vendo o jogo todo.

Fiz a cobertura da Copa América em 1999, no Paraguai, com uma câmera analógica. A diferença era grande, quando estavam com 30 minutos do segundo tempo do jogo tínhamos que sair para revelar o filme no banheiro do estádio, secar o filme com secador de cabelo e escanear de duas a três fotos pra transmitir para o jornal no Brasil. Hoje com a câmera digital enviamos uma média de 30 a 40 fotos por jogo, e não precisamos sair mais cedo, podemos ficar o jogo inteiro. (FERREIRA).⁵

Além de todos esses problemas para ampliação e envio das fotos, os fotógrafos ainda se preocupavam com muitas outras coisas. Em grandes competições, o lugar onde cada um fica no campo é pré-determinado e os bons lugares, mesas de edição das imagens e armários para guardar os equipamentos são muito disputados. Evandro lembra que muitas vezes precisavam usar da malandragem para conseguir as melhores fotos. Os fotógrafos do Brasil queriam sempre ficar atrás do gol da Seleção, mas para cada lado do campo existia uma cor de colete, que eles pegavam antes do jogo começar. Na hora do intervalo, eles precisavam arrumar uma maneira de trocar de lado para seguir no ataque dos brasileiros: “(...) depois do primeiro tempo, para poder continuar no ataque do Brasil, tínhamos que tentar trocar o colete com algum colega que estivesse do outro lado. Tinha que ficar esperto o tempo todo.” (TEIXEIRA).

Evandro faz questão de dizer que mesmo com todas essas barreiras, ele sente falta daquele tempo e diz que nada foi mais grandioso do que ver os jogadores que viu com a camisa do Brasil nas primeiras conquistas da Seleção.

O que mais me marcou foi ver Pelé e Garrincha em ação. Eles eram diferenciados de todos os outros. Romário e Ronaldo foram muito bons, mas igual a Pelé e Garrincha não existiu ninguém. Garrincha era um astro do futebol e

⁴ Entrevista concedida ao autor na data 21/09/2011

⁵ Entrevista concedida ao autor na data 02/10/2011

Pelé também, além disso, ele sempre foi e é até hoje um verdadeiro gentleman. (TEIXEIRA).⁶

Com a chegada da tecnologia digital, os equipamentos ficaram consideravelmente menores, o envio e armazenamento das fotografias ficaram mais rápidos e eficientes, no lugar de 15 quilos de material, que precisavam ser carregados para todos os cantos, para enviar uma foto, basta um computador, um cabo para transferir as fotos e uma conexão com a internet. Agora não são mais filmes, são dados. O que melhorou e o que piorou na vida de um fotógrafo vamos ver no próximo capítulo.

⁶ Entrevista concedida ao autor na data 21/09/2011

3 – O FENÔMENO DIGITAL

“Hoje precisamos diminuir o tamanho das fotos antes de mandar, para o computador aguentar, pois a resolução é muito grande.” (TEIXEIRA)

A chegada da tecnologia digital mudou a cabeça de quem trabalhava no jornalismo. Não só para os fotógrafos, mas para os jornalistas de texto. Com a popularização dos computadores, ficou fácil mandar um depoimento sobre, por exemplo, o clima em um estádio antes de um jogo começar. Assim como mandar uma foto das torcidas chegando para acompanhar seus times ou seleções.

Os usos são inúmeros e o resultado deles também. Cada vez mais as empresas jornalísticas cobram uma atitude multimídia de seus repórteres. Pois, agora, o leitor não está satisfeito apenas em ligar a televisão e acompanhar o jogo: ele quer saber como foi a chegada dos times no estádio, quer saber se fulano ou cicrano desceu do ônibus da delegação mancando, e com a internet isso é possível. O fenômeno digital, que veio com grandes “Fenômenos” em campo, acabou por aproximar o torcedor de seu time e fazer com que ele se sentisse parte daquilo tudo.

3.1 – Facilidade no armazenamento e transmissão de dados

Quando acabava uma partida, um fotógrafo, como já foi visto, demorava cerca de uma hora para mandar uma fotografia para o Brasil em uma cobertura de Copa do Mundo. Mas até começar o processo de ampliação e envio, ele perdia um bom tempo até chegar ao hotel e montar seu estúdio no banheiro de seu quarto. Então, podemos afirmar que, a partir do momento que acabava o jogo até a hora que a foto chegava às redações, demorava cerca de três horas.

Quando um fotógrafo que passava por tudo isso poderia imaginar que durante o quinto minuto de jogo uma foto que ele tirou já estaria disponível para o mundo todo? Pois é, com a chegada e rápido desenvolvimento da tecnologia da fotografia digital, isso passou a ser possível.

Evandro Teixeira, fotógrafo que viveu os dois mundos, conta bem como foi a rápida evolução da tecnologia digital, que no começo ainda pedia ampliação da foto e envio pelo computador, mas depois já era totalmente digital:

Em 2000 já usávamos laptop, mas ainda precisávamos do negativo escaneado, mas em 2003 já era tudo digital. No começo ainda era muito caro e o equipamento era muito grande e pesado. A partir de 2004 ficou mais barato e evoluiu a qualidade das câmeras, apesar de não ter um quinto da resolução que as máquinas de hoje têm para a gente era muito bom. (TEIXEIRA).⁷

Mesmo saudosista Evandro consegue explicar bem como a vida de um fotógrafo melhorou comparando os Jogos Olímpicos de 2000, na Austrália com os de 2004, na Grécia:

Tenho algumas lembranças boas da época do negativo, mas o digital veio para ajudar, e muito. Em 2000, na Olimpíada de Sidney, eu fui fotografar uma regata do Torben Grael. Entramos no barco, como sempre fazíamos nesse tipo de competição, fizemos as fotos da prova que deu a medalha pra ele e demorei mais ou menos umas oito horas desde o fim da regata até conseguir mandar a foto para o Brasil. Quatro anos depois, na Olimpíada de Atenas, fui fazer o mesmo evento. Mais uma vez tirei foto da prova que também deu uma medalha pra ele, mas neste caso, enviei a foto e um minuto depois ela já estava no Brasil! (TEIXEIRA).⁸

Na fotografia digital, o fotógrafo não tem um contato físico com sua obra, é tudo feito pelo computador, pelo ar. Ele consegue ver o que produziu em um visor da câmera, daí descarrega no computador, faz uma pré-edição das melhores fotografias e com uma boa conexão de internet transmite seu material para onde quiser.

Quando estava na África do Sul, para a cobertura da Copa do Mundo de 2010, o fotógrafo Ari Ferreira se mostrou um grande adepto do digital. “Não tive nenhuma dificuldade para mandar minhas fotos. A conexão nos estádios era gratuita e muito boa, e quando estava nos treinos ou fazendo especiais, a placa de internet 3G que eu tinha funcionou perfeitamente bem” (FERREIRA).

Mas nem tudo é um paraíso no mundo digital. O repórter Pedro Henrique Torre, do diário LANCE!, que passou toda a Copa do Mundo sem a companhia de um fotógrafo, teve que se virar muitas vezes para fazer seu material de texto e foto chegarem à redação do jornal, no Rio de Janeiro.

⁷ Entrevista concedida ao autor na data 21/09/2011

⁸ Idem ao 7

Encontrei dificuldades com a lentidão das placas de internet, com velocidade limitadíssima, em deslocamento dentro da África do Sul. Cheguei a enviar fotos viajando em um carro com a nossa guia local e realmente foi um sufoco. Já nos centros de imprensa dos estádios, não havia problema algum. A internet era de velocidade impressionante e o material chegava muito rápido na redação. (TORRE).⁹

Assim como os megapixels se multiplicaram em menos de dez anos, sem dúvida nas próximas coberturas de grandes eventos os problemas vão diminuir exponencialmente, até sumirem. As conexões com a rede estão cada vez melhores e a qualidade dos equipamentos é maior. Agora um simples celular é o suficiente para registrar um acontecimento, já que a qualidade de câmera acoplada nos aparelhos é maior pelo menos três vezes melhor do que as primeiras câmeras digitais.

Outro fator fundamental para o crescimento absurdamente rápido da fotografia digital é o armazenamento do material produzido. Enquanto antes eram necessários prédios inteiros para conseguir armazenar o grande arquivo fotográfico e de texto que os jornais tinham, agora basta uma máquina com uma memória muito grande. Um HD externo, por exemplo, é o suficiente para armazenar a cobertura de um grande evento como uma Copa do Mundo.

Outro fator de melhora é que os riscos de perder todo o material de arquivo com um incêndio, por exemplo, diminuíram consideravelmente. As fotos mais importantes, as que forem usadas pelos jornais e *sites* está na grande rede, e as que não forem usadas podem ter um *backup* em *emails* ou em mais de um HD externo. Enquanto isso, os fotógrafos das Copas pré-digitais tinham que voltar de suas longas coberturas com malas e malas de negativos, para depois analisar o que ainda tem utilidade e o que pode ser arquivado.

Agora o analógico está abolido do jornalismo diário e sobrevive apenas no mercado de *fine arts* e, eventualmente, com alguns fotógrafos documentaristas “românticos”, que ainda acreditam que a qualidade da foto é melhor e que é o fotógrafo que precisa ter o contato direto com a ampliação de sua obra. E estes, certamente, não precisam mandar nenhuma foto para o Brasil em dia de jogo ou sobre alguma matéria que vá sair com urgência em algum diário brasileiro.

⁹ Entrevista concedida ao autor na data 12/09/2011

3.2 – Agências de Notícias: cresce a oferta de imagens on-line

O crescimento da tecnologia digital não foi feito apenas de flores para os fotógrafos brasileiros. Com todo esse avanço, as Agências de Notícias ganharam muito espaço, tanto no mercado jornalístico nacional, quanto no internacional. Agora, um jornal pensa duas vezes antes de mandar um fotógrafo para uma cobertura internacional de grande importância. Se antes eram enviados vários deles, agora quando vai, vai apenas um, já que os gastos são muito grandes.

É muito mais negócio, financeiramente falando, contratar alguma agência internacional, que está presente nos grandes eventos planetários e no dia a dia dos principais acontecimentos esportivos de todo o mundo, do que ter um fotógrafo seu em cada um desses lugares. Hoje, a maior parte dos jornais, pensa duas vezes antes de mandar alguém até para uma cobertura na Argentina, que é muito mais barato do que, por exemplo, na África do Sul.

Esse crescimento das agências de notícias afasta os fotógrafos dos grandes eventos. Por exemplo, o jornal "O Globo" não mandou nenhum fotógrafo para a Copa América de 2011 na Argentina. É muito caro mandar alguém. A agência Reuters, por exemplo, está transmitindo online as fotos durante o jogo, direto do estádio. (TEIXEIRA).¹⁰

Com tantos fotógrafos espalhados pelo mundo é muito mais vantajoso assinar uma agência para um jornal do que ter correspondentes no exterior. A estrutura dessas agências é, atualmente, fundamental para a divulgação de informações como vem acontecendo, em tempo real, cada vez mais pela internet. Ari Ferreira, fotógrafo do LANCE!, explica que a única preocupação de um fotógrafo de agência é com as fotos que faz e em mandá-las para a agência e isso deixa o trabalho mais tranquilo.

As agências internacionais têm uma estrutura fora de série em eventos como uma Copa do Mundo e uma Olimpíada. Eles contam com uma grande equipe no país que ocorre o evento e em todas as suas sedes. Nos jogos, o fotógrafo só se preocupa em fotografar e em transmitir as imagens feitas por ele. (FERREIRA).¹¹

¹⁰ Entrevista concedida ao autor na data 21/09/2011

¹¹ Entrevista concedida ao autor na data 02/10/2011

Os editores dos jornais também vêm com bons olhos a relação com as agências. Eduardo Tironi, editor-executivo de mídia digital do LANCE!, afirma que:

Financeiramente faz muito mais sentido assinar uma agência do que ter fotógrafos no mundo todo. Hoje as agências cobrem muito dos principais eventos esportivos, e a escolha sobre qual assinar é ver qual delas nos atende mais em eventos esportivos (TIRONI).¹²

O editor ainda disse que os contratos do jornal com as agências são formais e que a relação com elas é meramente profissional. Outro editor do LANCE!, Rodrigo Cerqueira, encarregado de futebol internacional, também acredita que são muito positivos para o jornal esses acordos com as agências:

É muito vantajoso contratar uma agência de notícias. Principalmente para se obter um bom material de fotos, que é o que mais usamos das que nós assinamos. A escolha varia muito da necessidade de cobertura do jornal. Em uma esfera esportiva, por exemplo, é preciso ter como foco as agências especializadas nesse tipo de cobertura. Agências que estão sempre nos principais torneios e competições esportivas do mundo. (CERQUEIRA).¹³

Para Marcelo Sayão, fotógrafo coordenador da agência espanhola EFE Servicios, a Cobertura de um grande evento como uma Copa do Mundo aumenta, sem dúvida, a cobrança sobre os profissionais que vão cobri-lo. Mas é na cobertura do dia a dia que o cliente tem que ser conquistado:

O nosso trabalho em Agência de Notícias Internacional é basicamente enviar notas de interesse internacional para fora do Brasil: política, esporte, moda... Não temos uma relação direta com o cliente, fazemos o nosso trabalho, se eles acham bom, assinam. (SAYÃO).¹⁴

Pedro Henrique Torre, repórter de texto do LANCE!, disse não ter nenhum contato com o material que as agências mandam diariamente, mas sabe que grandes jogos ou treino das seleções importantes serão fotografados, o que facilita seu trabalho.

¹² Entrevista concedida ao autor na data 12/08/2011

¹³ Entrevista concedida ao autor na data 12/08/2011

¹⁴ Entrevista concedida ao autor na data 02/10/2011

Esse contato ficou a cargo dos profissionais que estavam no Brasil e selecionavam o que era importante para a produção diária do jornal.

As agências estão na maior quantidade de lugares possível, mas não conseguem estar em todos, e nem sempre estão de maneira muito eficiente. Muitas vezes os jornais assinantes passam por dificuldades devido à incompetência ou por não terem algum fotógrafo em determinado evento importante, porém pontual e distante. Certamente esses problemas não acontecem em eventos como uma Copa do Mundo ou uma Olimpíada, mas, por exemplo, em algum jogo de um time brasileiro em algum lugar distante, a agência pode não ter um alcance tão grande e causar dificuldades para os jornais. O editor Eduardo Tironi conta alguns problemas que já teve com agências.

Há dificuldade em se ter boas fotos em alguns lugares do Brasil, por exemplo. Jogos da Copa do Brasil fora dos grandes centros sempre são preocupantes. Os parceiros locais, normalmente, não têm equipamentos dos mais modernos e, além disso, há problemas de transmissão. Para completar, muitas vezes o material não é de qualidade. (TIRONI).¹⁵

Rodrigo Cerqueira confirma esses problemas enfrentados pelos jornais:

Há sempre problemas quando times grandes do Brasil, em que investimos muito nossa cobertura, vão jogar em locais distantes do país, que pouco recebem grandes jogos. Sem fotógrafo profissional do jornal por lá, o material pode acabar comprometido pela falta de agências de notícias no local também. (CERQUEIRA).¹⁶

O que possibilitou esse crescimento das agências de notícias foi o avanço da tecnologia. Hoje, em questão de minutos, inúmeros jornais podem ter acesso a uma mesma foto de um jogo que aconteceu em qualquer lugar do mundo. É verdade que eles perdem um pouco de sua identidade, mas em um mundo capitalista como o nosso é necessário abrir mão de alguma exclusividade para ter mais lucro.

Outra coisa importante é a variedade de fotos que uma agência disponibiliza em um jogo importante. Cada agência tem de seis a oito fotógrafos por partida, por isso eles oferecem fotos de todos os ângulos e de todas as partes do estádio. Quando um jornal poderia ter essa quantidade de fotógrafos em apenas uma partida?

¹⁵ Entrevista concedida ao autor na data 12/08/2011

¹⁶ Entrevista concedida ao autor na data 12/08/2011

3.3 – Cobertura do jornal x Cobertura das agências: uma briga desigual

Como já foi citado, não é possível para um jornal disputar em igualdade de condições uma cobertura planetária com uma agência de notícias. Por isso, é economicamente mais viável para os diários brasileiros assinarem os “menus” das agências. Porém, se por um lado essa parceria serve para melhorar a qualidade de notícias de uma publicação brasileira, uma vez que ela passa a impressão de estar em mais lugares do mundo ao mesmo tempo; por outro, os jornais passam a mandar menos fotógrafos para os eventos e isso, muitas vezes, prejudica a produção local e tira um pouco da identidade que o diário quer passar para seu leitor.

O fotógrafo Ari Ferreira, do LANCE!, foi o único enviado para o Mundial da África do Sul, e, segundo ele, seria necessário pelo menos mais um companheiro de profissão na Copa para que o trabalho rendesse mais. “Na verdade o mais correto seria que o LANCE! mandasse ao menos dois fotógrafos, como outros veículos de imprensa fizeram. Assim teríamos uma cobertura mais abrangente.” (FERREIRA).

Ari ficou o tempo todo com a Seleção Brasileira. E ele sentiu mais falta de um outro fotógrafo do jornal, principalmente, nas partidas. “Acho que a cobertura teria sido melhor, principalmente nos jogos. Tendo apenas um fotógrafo na partida, não dá para competir com as agências internacionais de fotografia. Eles tinham de seis a oito” (FERREIRA). Ele também acredita que se as agências não existissem o jornal teria mandado, sem dúvidas mais fotógrafos para a África do Sul.

Já Marcelo Sayão, que foi convidado a trabalhar na espanhola EFE, tem uma visão diferente dos fotógrafos das agências de notícias. Ele acredita que a tradição deles já é grande no Brasil há muito tempo, e que o objetivo de quem assina sua agência é ter um material de notícias fora do país.

No caso das agências internacionais, eu não acredito que atrapalhe. Essas agências já existem há muito tempo aqui no Brasil. E a maioria dos fotógrafos dessas agências é brasileiro. Eu vejo a existência delas como mais opções de emprego para quem trabalha no ramo. Quanto a assinar uma agência internacional, o objetivo é obter um material de fora do Brasil, e não um material produzido aqui, o que certamente atrapalharia os fotógrafos brasileiros. (SAYÃO).¹⁷

¹⁷ Entrevista concedida ao autor na data 02/10/2011

Rodrigo Cerqueira volta a questão financeira, já que é mais barato para um jornal assinar uma agência e ter acesso aos 64 jogos e com direito à fotos de todos os lados do estádio de uma Copa do Mundo do que mandar um fotógrafo que conseguiria registrar no máximo dez dessas partidas.

É uma tendência até pela questão financeira. Em um mundo em que se poupa sempre de um lado para investir em outro é claro que esse é um preço a ser pago. De uma forma clara, um fotógrafo enviado, bem pautado e ciente da linha editorial do jornal faria um material muito mais original do que uma agência de notícias, que acaba por fazer uma cobertura fria, apesar de muito útil e eficiente para a gente. (CERQUEIRA).¹⁸

Como nenhum jornal poderia ter de seis a oito fotógrafos em uma partida, Eduardo Tironi, editor do LANCE!, acredita que em partidas de futebol não faz diferença se a foto é de um fotógrafo do diário ou de uma agência. Mas em outros casos sim, faz diferença tem alguém com a cabeça de quem trabalha diariamente no jornal.

Depende. Para o material factual, o leitor percebe pouco ou nada de quem é a foto. Um jogo, por exemplo, as fotos são normalmente muito parecidas em todos os lugares e agências. Mas para reportagens especiais, sempre temos um fotógrafo produzindo imagens quando o acontecido é aqui no Brasil. Por exemplo: tentamos sempre fazer fotos posadas com jogadores em eventos especiais (véspera de um clássico, por exemplo). Além disso, sempre em eventos, nossos fotógrafos estão orientados e fazem imagens além das comuns (jogador comemorando gol, por exemplo). Muitas vezes, optamos por dar na capa do diário o momento da bola entrando no gol a dar uma comemoração, que é uma foto mais fácil de ser feita. O fotógrafo conseguir o momento do chute ou cabeçada que originou um gol é bem mais complicado. Mas é isso diferencia o LANCE! de outras publicações nas bancas. (TIRONI).¹⁹

O dilema vivido pelos jornais é grande, mas o lado financeiro e logístico acaba pesando e a escolha fica por enviar menos fotógrafos e contratar mais agências de notícias, já que é possível contratar diversas delas. Este é um outro ponto positivo das agências. Podendo contratar diversas delas, as opções de fotos são enormes, e aí o jornal passa a dar um pouco da sua cara nas matérias com fotografias das agências.

¹⁸ Entrevista concedida ao autor na data 12/08/2011

¹⁹ Entrevista concedida ao autor na data 12/08/2011

Ao ter uma gama de fotos para escolher, a menos que haja uma que seja unanimidade a melhor de todas, o diário pode escolher alguma foto para retratar a maneira que vai cobrir o evento citado. Podendo casar título e foto de uma maneira particular e mostrar ao leitor que aquele é um veículo diferente dos outros.

Para isso é necessária uma certa paciência para escolher a melhor foto e ter uma relação harmoniosa entre quem escolhe a foto e quem faz o título da matéria. Com uma sintonia fina entre os dois, explicando bem o que se deseja, e a sorte de encontrar entre todas as agências – às vezes os jornais assinam de quatro a seis agências internacionais – pode-se conseguir um ótimo material e uma personalização do “público”.

4 – COBERTURA DA COPA DE 2010 PELO LANCE!

A cobertura da Copa do Mundo da África do Sul pelo jornal LANCE! foi feita com apenas um fotógrafo. Os repórteres de texto muitas vezes tiveram que fotografar para suas matérias, então em alguns casos a qualidade do material produzido foi inferior ao que poderia ter sido. Isso é constatado até por alguns dos repórteres e por Ari Ferreira, o único fotógrafo enviado ao Mundial.

Em muitas matérias os enviados tiveram que recorrer às agências de notícias para conseguir boas imagens para suas matérias. O material de texto enviado pelas agências internacionais foi usado um pouco para o factual, e, principalmente, em notas para o LANCENET!, site do grupo. Cada vez mais, os jornalistas do LANCE!, na África do Sul ou não, tentavam matérias especiais e exclusivas, o que dá uma particularidade para o jornal.

Porém, como a demanda de uma competição dessas é muito grande, às vezes os jornalistas precisavam recorrer às matérias das agências. Neste capítulo vamos analisar algumas das matérias feitas pelo jornal e como eles lidaram com o material que vinha das agências internacionais. Vamos acompanhar aqui as dificuldades do repórter Pedro Henrique Torre, que não foi acompanhado por nenhum fotógrafo profissional e teve que se virar com seu equipamento particular para registrar as imagens de suas matérias.

4.1 – Análise do material produzido pelo jornal

O LANCE! prima por uma cobertura particular e exclusiva das competições, fornecendo aos leitores informações que eles não poderiam ver na internet no dia anterior e com uma visão diferenciada dos jogos factuais. Porém, esse ideal de exclusividade ficou um pouco de lado quando o assunto foi a fotografia dos enviados para Copa do Mundo da África do Sul. Neste caso, o jornal respeitou as dificuldades financeiras e mandou apenas um fotógrafo, Ari Ferreira.

O editor-executivo de mídias digitais do grupo LANCE!, Eduardo Tironi, comentou a decisão de mandar apenas um fotógrafo e a escolha por Ari Ferreira.

Como toda a cobertura do LANCE! na Copa do Mundo, na cobertura de imagens tínhamos que apostar mais em material diferente do que naquilo que o mundo inteiro teria via agências de foto. Enviamos apenas um fotógrafo,

mas ele foi com esta missão. De fazer conteúdo original, diferente... Nem que para isso ele tivesse que abrir mão do factual de treinos, por exemplo, e partir para matérias especiais. Ari Ferreira é um dos mais talentosos fotógrafos do LANCE!. E foi para a África por merecimento. (TIRONI).²⁰

Ari Ferreira acompanhou a Seleção Brasileira em toda a cobertura. Além de fazer fotos dos treinos, o que não era uma missão tranquila, já que o treinador Dunga sempre fechava as atividades do Brasil, ele estava designado para fotografar as matérias especiais do diário.

Em alguns momentos, os treinos secretos eram um desafio à cobertura dos jornais. Nas Copas o Mundo do século XX, a imprensa tinha muito mais acesso aos jogadores e era comum entrevistas serem feitas após o jogo, nos vestiários, nos treinos e até nos hotéis. Porém, no Mundial de 2010, o comandante Dunga não tinha uma boa relação com os jornalistas, e chegou até a ofender o apresentador Alex Escobar em entrevista coletiva, após a vitória por 3 a 1 sobre a Costa do Marfim, na fase de grupos do Mundial.

O desafio dos treinos secretos deu ao LANCE! uma capa exclusiva e reveladora. No dia 19 de junho, véspera da partida contra a Costa do Marfim, ainda pela primeira fase da Copa, o fotógrafo Ari Ferreira tirou uma foto do treino secreto da Seleção Brasileira (Anexo 12, p.58). Se o jornal não tivesse enviado ao menos um fotógrafo, não teria conseguido esse furo de reportagem na capa do diário.

Na matéria, o LANCE! ironiza os treinos de Dunga, colocando a expressão “secreto” entre aspas, já que eles conseguiram acompanhar o coletivo e descobriram que o treinador pretendia trocar Gilberto Silva, lesionado, por outro volante, o Josué. Além da Capa, a foto conseguiu uma página dupla dentro do jornal, com esse conteúdo exclusivo do LANCE! (Anexo 13, p.59). Na matéria, os jornalistas também colocam a palavra “secreto” entre aspas, no título, para “provocar” o comandante da Seleção na África do Sul.

Porém, as agências também aproveitaram os treinos secretos para aparecer e, com uma foto de um deles, deram uma capa para o LANCE! (Anexo 14, p.59). No dia 24 de junho, o diário publicou uma foto da agência internacional Reuters, que flagrou quem seriam os substitutos dos meio-campistas Kaká e Elano na partida contra Portugal, ainda pela primeira fase do torneio. Ter contratado essa agência de notícias foi bom para

²⁰ Entrevista concedida ao autor na data 12/08/2011

o jornal, pois eles não perderam uma notícia relevante na cobertura da Seleção Brasileira durante o Mundial da África do Sul.

No entanto, como não foi um fotógrafo do LANCE! que conseguiu esse furo, todos os outros veículos de comunicação que assinavam a Reuters puderam publicar a mesma informação. A foto não foi tirada apenas para o diário. Talvez, se tivessem mandado mais fotógrafos para a Copa do Mundo teriam conseguido mais furos de reportagem como a que tiveram na matéria analisada anteriormente.

Enquanto a Seleção ainda não havia sido eliminada – até as quartas de final contra a Holanda – Ari Ferreira fazia as matérias de apresentação de jogo, e o que mais fosse necessário sobre o Brasil. Depois disso, ficou responsável pelas matérias gerais da Copa, até chegar na final entre Espanha e Holanda. Duas matérias marcaram o fotógrafo nessa cobertura: “a matéria mais marcante foi no Soweto, com as crianças jogando bola ao lado de onde a seleção treinava. (Anexo 15, p.60) E a foto que eu mais gostei de ter tirado foi de um Elefante com a bandeira do Brasil na véspera do jogo contra a Costa do Marfim (Anexo 16, p.61).” (FERREIRA).

Sobre essa matéria do elefante, o editor de futebol internacional do diário, Rodrigo Cerqueira, conta que o pedido partiu dos editores do Brasil.

Houve um pedido aqui da redação do jornal no Brasil para o Ari Ferreira na África do Sul. E essa relação com ele foi muito bacana. Uma das capas do LANCE! na Copa do Mundo foi a apresentação do jogo entre Brasil e Costa do Marfim, ainda pela primeira fase da competição. Uma pauta que mostrava que a seleção africana era conhecida como os elefantes africanos, mas que gigante mesmo era o Brasil. E o Ari conseguiu uma foto de um elefante por lá. (CERQUEIRA).²¹

Ari ainda disse que não houve nenhum tipo de cobrança ruim dos editores que estavam no Brasil, e que eles procuravam fazer sempre o melhor trabalho possível lá. A relação dele com os repórteres de texto que também cobriam a Seleção era a melhor possível. “Fizemos bastantes matérias especiais nas vésperas dos jogos. E sempre conversávamos muito na elaboração das pautas.” (FERREIRA).

Enquanto os repórteres que cobriam a Seleção Brasileira estavam tranquilos, sem se preocupar com as fotografias de suas matérias, Pedro Henrique Torre, que estava na cobertura de outras seleções importantes como a Argentina, Holanda e Espanha,

²¹ Entrevista concedida ao autor na data 12/08/2011

sofria e precisava se desdobrar para conseguir fotos para suas imagens, e em alguns momentos sentia muita falta de um fotógrafo, como nesta história que ele mesmo narra:

Como não tinha um fotógrafo comigo, por inúmeras vezes tive que utilizar minha máquina fotográfica particular, uma Sony H-20. Em outras oportunidades, que necessitavam de maior agilidade, utilizei um celular que levei justamente para esse propósito. No fim, deu certo, pois várias fotos foram publicadas no material enviado ao Brasil. Dias antes do início da Copa, fui cobrir um amistoso entre Nigéria e Coreia do Norte, em Tembisa, nos arredores de Joanesburgo. Como o número de imigrantes nigerianos é bem grande na África do Sul, a torcida dos africanos quis entrar de qualquer maneira no estádio, que era bastante acanhado. O resultado foi uma invasão dos portões, confusão, pessoas machucadas. Fotografei, de longe, com a minha máquina tudo o que ocorreu e pude fotografar. Após o jogo, estava no estacionamento e uma repórter norte-coreana foi atropelada por um carro com integrantes da Federação Nigeriana de Futebol. Fiz, então, fotos com meu celular N95. O material foi publicado no dia seguinte em página dupla no jornal (ver anexo 17, p.61) e também houve um bom espaço no site LANCENET!. Mas certamente nesta confusão senti muita falta de um fotógrafo. Empresas concorrentes estavam lá com fotógrafos profissionais e, obviamente, conseguiram registros mais impactantes da confusão que ocorreu. (TORRE).²²

Apesar de ter essa responsabilidade, Pedro Torre não teve nenhuma preparação como fotógrafo, e o jornal também não se preocupou com isso: “Nunca fiz curso algum de fotografia e tampouco houve sugestão do jornal para que eu me preocupasse com isso. Como sempre gostei de fotografias, levei minha máquina particular, como já fazia em viagens de coberturas de clubes no Brasil.” (TORRE).

Pedro Torre dá uma grande importância para a fotografia em uma matéria de jornal. Ele concorda que suas matérias e a cobertura do jornal teriam ficado infinitamente melhores com um fotógrafo acompanhando sua cobertura diária de seleções importantes.

Uma foto profissional, muitas vezes, é o lead de uma matéria. O texto fica até mesmo em segundo plano se há uma foto marcante. É o velho ditado de que uma imagem vale por mil palavras. Em alguns momentos, certamente um fotógrafo profissional ao meu lado colaboraria ainda

²² Entrevista concedida ao autor na data 12/09/2011

mais para o material jornalístico feito na África do Sul. (TORRE).²³

Os editores do LANCE!, responsáveis pelo que é publicado pelo jornal também concordam com isso: um fotógrafo seria melhor para o jornal. E que o repórter deve tirar fotos para registros factuais.

As fotos de enviados normalmente servem mais como um registro jornalístico do que algo mais trabalhado. Esta é sua função. Um enviado não tem condição de produzir uma foto de um evento, um jogo ou um treino, por exemplo. Isso exige técnica de um profissional especializado em fotografia. Mas, um enviado pode fazer fotos de um estádio onde um time vai jogar, ou da cidade, ou do hotel, ou até de torcedores no desembarque. (TIRONI).²⁴

Rodrigo Cerqueira também concorda com a opinião de Tironi, o fotógrafo faz diferença, mas é possível usar fotos de alguém que não tem essa formação na cobertura factual de um clube ou seleção em uma competição como essa. Apesar desse não ser o ideal e deve ser evitado.

Faz a diferença um profissional da fotografia. É claro que, hoje em dia, com a tecnologia adotada nas câmeras é possível um repórter, sem ser especialista na área de fotografia, enviar fotos que possam ser publicadas. Mas o olho clínico do fotógrafo e o equipamento ideal para cada situação fazem a diferença. (CERQUEIRA).²⁵

Mesmo com esse pensamento, os editores do jornal não tinham muita saída e algumas fotos tiradas por repórteres que não eram profissionais da fotografia chegaram a ser capa do jornal. Um bom exemplo foi no caso em que dois repórteres da TV LANCE! entraram sem pagar, para mostrar que não havia uma fiscalização esperada para uma Copa do Mundo, na partida da Argentina contra a Coreia do Sul, ainda na primeira fase da competição (Anexo 18, p.62).

A foto foi capa da edição de 18 de junho, e até uma foto dos dois repórteres dentro do estádio, para provar que eles conseguiram entrar mesmo, foi colocada no detalhe. Claramente essa fotografia não tem a qualidade de um material obtido por um

²³ Entrevista concedida ao autor na data 12/09/2011

²⁴ Entrevista concedida ao autor na data 12/08/2011

²⁵ Entrevista concedida ao autor na data 12/08/2011

profissional com um equipamento adequado. O crédito foi de Daniel Lichotti, que registrou esse momento como um amador faria, porém, a matéria que eles conseguiram era jornalisticamente relevante e a qualidade, mesmo sem ser de um fotógrafo profissional, era o suficiente para ser ampliada para virar a capa do jornal.

O curioso é que o resultado da partida ficou em segundo plano. O que importou mesmo foi a entrada dos repórteres no Estádio Soccer City, em Joanesburgo, já que a vitória da Argentina por 4 a 1 ficou como uma das outras notícias normais do Mundial, no pé da página.

Apesar de todos os problemas, o material dos repórteres que tinham ou não um fotógrafo foi bastante diferente do que foi publicado nos outros veículos. Não é possível analisar toda a cobertura do jornal, pois isso seria um trabalho à parte. Então, a análise foi feita nas matérias citadas pelos entrevistados.

4.2 – Análise do material produzido pelas agências

O LANCE! não utilizou um material muito grande das agências. O que foi mais aproveitado foram fotos de jogos e treinos das seleções. Constantemente as agências faziam séries especiais, algumas vezes até com entrevistas, e até matérias exclusivas, mas não faz parte da cultura e da filosofia do jornal usar esse material. Os especiais foram feitos por repórteres, que estavam no Brasil ou principalmente que haviam sido enviados para a África do Sul.

De acordo com Marcelo Sayão, da agência espanhola EFE Servicios, “As matérias especiais às vezes são sugeridas por nós fotógrafos, pelos repórteres e até por algum cliente, que pede alguma cobertura específica, mas isso é muito raro no nosso caso aqui na EFE.” (SAYÃO).

Rodrigo Cerqueira, do LANCE!, explica que a maior utilidade para o diário realmente são as fotos tiradas das agências, que neste caso estão em mais lugares do que o jornal pode chegar.

A utilização de fotos é mesmo o carro-chefe da nossa relação com as agências, por conta da necessidade de uma cobertura fotográfica dos principais eventos esportivos do mundo. E obviamente nós não temos condições de estar em todos eles com fotógrafos. Sobre utilizar notícias, acredito que cada vez menos estamos pegando material produzido pelas agências. O motivo é claro: as notícias circulam em volume cada vez maior

pela internet, por redes sociais, por sites e jornais on-line. Então, é difícil ser novidade algo enviado por uma agência. Pode, sim, ter um conteúdo mais detalhado às vezes ou então informações que ainda não foram bem divulgadas. Mas a essência da informação cada vez mais está disponível na rede. (CERQUEIRA).²⁶

Em todos os 64 jogos da Copa do Mundo da África do Sul o jornal usou fotos de agências de notícias. Fotos do Ari Ferreira também foram usadas, mas como ele esteve em jogos do Brasil e em outros de seleções muito importantes, não usaram apenas uma foto nessas partidas, então além das que ele tirou, foram publicadas outras de agências internacionais.

Uma maneira que o LANCE! encontrou de usar bem as fotos tiradas por agências internacionais, tanto em jogos quanto em treinos foi com o quadro “Fotos Quentes” (Anexo 19, p.63). O diário já utilizava esta arte em partidas nacionais e em outros campeonatos regionais, porém, em coberturas menores eles utilizavam apenas os fotógrafos do jornal. Na Copa foram usadas fotos tiradas por Ari Ferreira e pelas agências EFE Servicios e Reuters e os créditos são dados apenas no topo da retranca: “EFE, ARI FERREIRA E REUTERS”. Não há créditos para cada foto, então como foram usadas três fontes diferentes, não tem como o leitor saber quem tirou cada foto. Isso é um erro de informação, pois todas as fotos deveriam ser creditadas individualmente, para que todos pudessem saber quem foi o autor de cada uma.

Em outras oportunidades, todas as fotos eram apenas do Ari Ferreira, então, naturalmente, apenas o nome dele aparecia no topo. Quando as fotos utilizadas eram da Reuters ou EFE, os créditos eram dados para as agências. Vale acrescentar que, poucas foram as vezes em que uma foto de agência publicada pelo LANCE! teve o nome do fotógrafo creditado, já que normalmente o diário publicava apenas o nome da agência.

Essas publicações de agências agregam diversidade ao jornal, “passando” mais credibilidade para o leitor e “convidando” para ler toda a matéria. Até se o jogo for entre Coreia do Norte e Costa do Marfim, mesmo eliminadas, uma foto e um bom título são capazes de deixar qualquer um interessado em querer saber como foi aquela partida.

Pedro Henrique Torre teve que usar da malandragem para conseguir utilizar bem o recurso das agências de notícias. Quando a cobertura era mais voltada para o factual, ele precisava ficar de olho nos fotógrafos de agências internacionais, para saber se conseguiria ou não a foto que desejava. Em caso afirmativo, ele já pedia aos

²⁶ Entrevista concedida ao autor na data 12/08/2011

“fechadores” do jornal no Brasil para verificar o cardápio da agência ali presente e especificava como era a foto. Houve um caso em um treino da Argentina que ele contou:

Em determinados momentos, eu observava uma situação, mas sabia que não teria condições de ter uma foto de determinado treino. Então, pedia ao pessoal do Brasil para recorrer às agências e ilustrar o material. Um exemplo foi um treinamento da seleção argentina em Pretória. Eu queria uma foto dos jogadores da Argentina em um treinamento brincando com o treinador Maradona, dentro da pequena área, na linha do gol, mas minha câmera, não profissional, não alcançaria os atletas em atividade no campo. Ficaria impossível de utilizar no jornal. Então, recorri às agências e as fotos foram publicadas com a qualidade necessária e deu tudo certo (Anexo 20, p.64). (TORRE).²⁷

Esse exemplo é perfeito para ilustrar a maneira como o LANCE! se relacionou com as agências internacionais durante a Copa do Mundo. Em 2014, porém, a história será diferente. E o trabalho de todos aumentará: “O que mudará no caso da Copa de 2014, aqui no Brasil, é que terei mais trabalho: antes, durante e depois. A dificuldade será com o preparativo, coordenação e organização de tudo. Agora nós seremos os anfitriões.” (SAYÃO).

4.3 – Uma projeção: o caráter atípico da Copa de 2014, no Brasil

Em 2014 as desculpas financeiras diminuem bastante. É verdade que ainda não é barato e simples mandar algum repórter fotográfico para cada cidade sede da Copa do Mundo, mas é bem possível. Com um evento dessa magnitude no Brasil, a cobertura dos veículos de comunicação daqui deverá ser bem mais pujante.

Nas partidas não deverá mudar muita coisa, porque as agências continuarão podendo credenciar uma quantidade maior de fotógrafos nos estádios e obterão uma variedade de fotos bem maior e de vários lugares do campo. Porém, nos exemplos anteriormente citados, em que um fotógrafo fez muita falta e sem ele a qualidade da matéria caiu, os jornais terão a possibilidade, e mais do que isso, a obrigação de mandar diversos profissionais da área, a um custo altamente convidativo.

²⁷ Entrevista concedida ao autor na data 12/09/2011

Nas partidas não depende apenas do diário querer colocar muitos fotografos. Além de claramente não ser necessário, o fotografo Ari Ferreira alerta para um problema: “A quantidade de fotografos à disposição do jornal nos jogos vai depender das credenciais que a Fifa vai liberar para cada veículo, o ideal seria um mínimo de seis credenciais para o LANCE!. Assim nossa cobertura dentro dos eventos iria melhorar ainda mais.” (FERREIRA).

O pensamento do LANCE! é esse. De acordo com o editor Eduardo Tironi: “A aposta do jornal em 2014 será novamente em produzir um material jornalístico diferenciado. O leitor precisa ser brindado com reportagens (e, claro, imagens) que ela já não tenha visto na TV e internet no dia anterior.” (TIRONI).

Naturalmente, Rodrigo Cerqueira tem um pensamento parecido com o de Tironi. “A Copa do Mundo de 2014 acaba se tornando um momento único para o jornal. É o maior evento esportivo do mundo e está em nossa casa. Acho que podemos esperar não só um trabalho fotográfico diferenciado, mas uma cobertura com a nossa cara.” (CERQUEIRA).

Para que isso tudo ocorra como o esperado, é necessário um planejamento. Além da manutenção de profissionais de alto nível até o evento, uma preparação deles para quando começar o Mundial eles estejam absolutamente conscientes do que devem fazer. Pedro Henrique Torre aposta em uma cobertura ainda melhor do que a que foi feita na África do Sul. Não apenas pela maior quantidade de fotografos, mas pela tecnologia disponível na época, que vai ser bem maior do que a atual.

Creio que seremos brindados com belas imagens e registros jornalísticos importantíssimos durante a Copa do Mundo de 2014. Primeiro porque teremos inúmeros fotografos profissionais espalhados pelos estádios, centros de treinamento e ruas no país todo. Segundo porque até 2014 a tecnologia portátil deverá estar ainda mais desenvolvida. O sistema para celulares deverá ser o 4G, bem rápido para transmissão de dados, e qualquer um tem uma câmera acoplada ao seu aparelho atualmente. Será um festival de imagens divulgadas em redes sociais, veículos de comunicação nunca antes vistos em um evento esportivo no país. Pelo menos é isso que promete esse Mundial. (TORRE).²⁸

²⁸ Entrevista concedida ao autor na data 12/09/2011

Na Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro, a proporção dessa cobrança passa a ser ainda maior, pois toda a competição estará concentrada em apenas uma cidade. Os fotógrafos estarão espalhados pelo Rio em diversos pontos de competições. E o curioso é que eles vão fotografar esportes diferentes do que estão acostumados, então será necessária uma preparação específica, afinal de contas, tirar fotos de natação ou atletismo é bem diferente de fotografar futebol.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou fazer uma análise jornalística com um viés econômico da relação dos jornais com as agências de notícias e com os gastos de envio de profissionais da fotografia para grandes eventos. No segundo capítulo, as fotos estudadas mostraram a importância da fotografia na história do esporte, e por isso, ela ainda deve ser tratada com total carinho pelos editores dos diários brasileiros.

As entrevistas realizadas para este trabalho foram fundamentais para o entendimento de como é a relação entre jornais e seus fotógrafos, e como é possível fazer uma boa cobertura usando, com moderação, o material enviado por agências internacionais, tanto de texto quanto de foto.

Também foi possível ver como é desgastante o trabalho de um repórter de texto em um evento como esse. Além de se preocupar em criar pautas, produzi-las, escrever o texto e enviar para o Brasil, ainda precisa tirar boas fotos, ou “publicáveis” e mandá-las para a redação. A imagem precisa estar minimamente boa: sem tremer, com o foco correto, com uma qualidade boa e bem enquadrada. É uma preocupação a mais para quem já tem muito com o que se preocupar.

As boas histórias de Evandro Teixeira foram fundamentais para o entendimento das dificuldades que um fotógrafo passava na época da fotografia analógica. E deixou claro de que maneira a evolução da tecnologia foi positiva para o fotojornalismo mundial. A maneira de ampliação e envio das fotos era um trabalho demorado e os riscos de uma imagem não chegar ao Brasil eram grandes, pois a transmissão dependia de uma boa conexão com a redação, por telefone.

Conforme o tempo foi passando, os riscos diminuíram, pois além de a tecnologia melhorar, com as redes de conexão sem fio e placas de internet, as agências de notícias passaram a enviar as fotos dos jogos em “tempo real”. Apenas uma crise mundial de tecnologia poderia impedir os jornais e sites de terem as fotos de partidas em uma Copa do Mundo. E as chances de isso acontecer são muito pequenas.

Na sequência, analisamos a cobertura do jornal LANCE! na Copa de 2010 na África do Sul, e vimos a importância das agências tanto nos jogos como nos treinos de times, até com um “furo” sobre a possível escalação da Seleção Brasileira em uma das partidas do Mundial. O fotógrafo do LANCE! também conseguiu descobrir a escalação surpresa de um jogador em um treino, isto porque o treino foi documentado por um fotógrafo do jornal e apenas o diário tinha essa informação. Quando a imagem foi

oriunda da Reuters, todos os jornais que assinam esta agência puderam utilizar a imagem e, conseqüentemente, eram detentores da informação.

Para finalizar, o trabalho discorre sobre o que podemos esperar de uma cobertura na Copa do Mundo de 2014, aqui no Brasil. E é neste ponto que pesquisas futuras são convidadas a complementar o presente estudo. Como será feita a cobertura fotográfica da Copa de 2014 no Brasil? Como os jornais disputarão espaço com as Agências internacionais? Haverá algum treinamento específico para repórteres de texto e fotográficos? Como serão abordados as ruas e o legado social do evento?

E mesmo abandonando um pouco o tema central do futebol, este trabalho ainda projeta considerações e pesquisas que devem preceder as Olimpíadas de 2016, quando todas as modalidades se concentrarão em apenas uma cidade, fato que tornará a cobertura mais restrita espacialmente, porém, muito mais complexa devido à grande variedade de esportes envolvidos.

Enfim, este trabalho de conclusão de curso é um estudo que mergulha em um universo ainda carente de bibliografia específica e que não se pretende conclusivo, em absoluto. A monografia das páginas precedentes parte de uma constatação: a documentação fotográfica das Copas do Mundo vem mudando substancialmente, em parte por conta das conquistas tecnológicas, com ênfase no processo digital; em parte devido à proliferação das agências internacionais de notícias, fruto da globalização que submeteu o planeta às regras do mercado. A partir daí, o que pretendemos foi mapear, através de entrevistas, leituras e análises de fotos, uma tendência à despersonalização dos periódicos nacionais e da briga por manter sua individualidade jornalística, tomando o LANCE! como estudo de caso.

6 – REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

MÁXIMO & KAZ. *Brasil um século de futebol arte e magia*. Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2005/2006.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé – A autobiografia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

ASSAF, Roberto. *Todas as Copas de 1930 a 2006*. Rio de Janeiro: LANCE! Publicações, 2010.

NAPOLEÃO & ASSAF. *Seleção Brasileira – 90 Anos*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

JFOURI, Juca. *Meninos eu vi....* São Paulo: DBA, 2003.

COELHO, Paulo Vinicius. *Os 50 maiores jogos das Copas do Mundo*. São Paulo: Panda Books, 2006.

DAMATO, Marcelo. *Mini-Enciclopédia do Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: LANCE! Publicações, 2004.

CASTELLO, José. *Pelé – Os dez corações do Rei*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SALDANHA, João. *Futebol e outras histórias*. Rio de Janeiro: MPM, 1988.

UNZELTE, Celso. *O Livro de Ouro do Futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol – O Brasil moderno de Mário Filho*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2006.

MAURÍCIO, Ivan. *90 minutos de sabedoria – A filosofia do futebol em frases inesquecíveis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

7 – ANEXOS

- Anexo 1



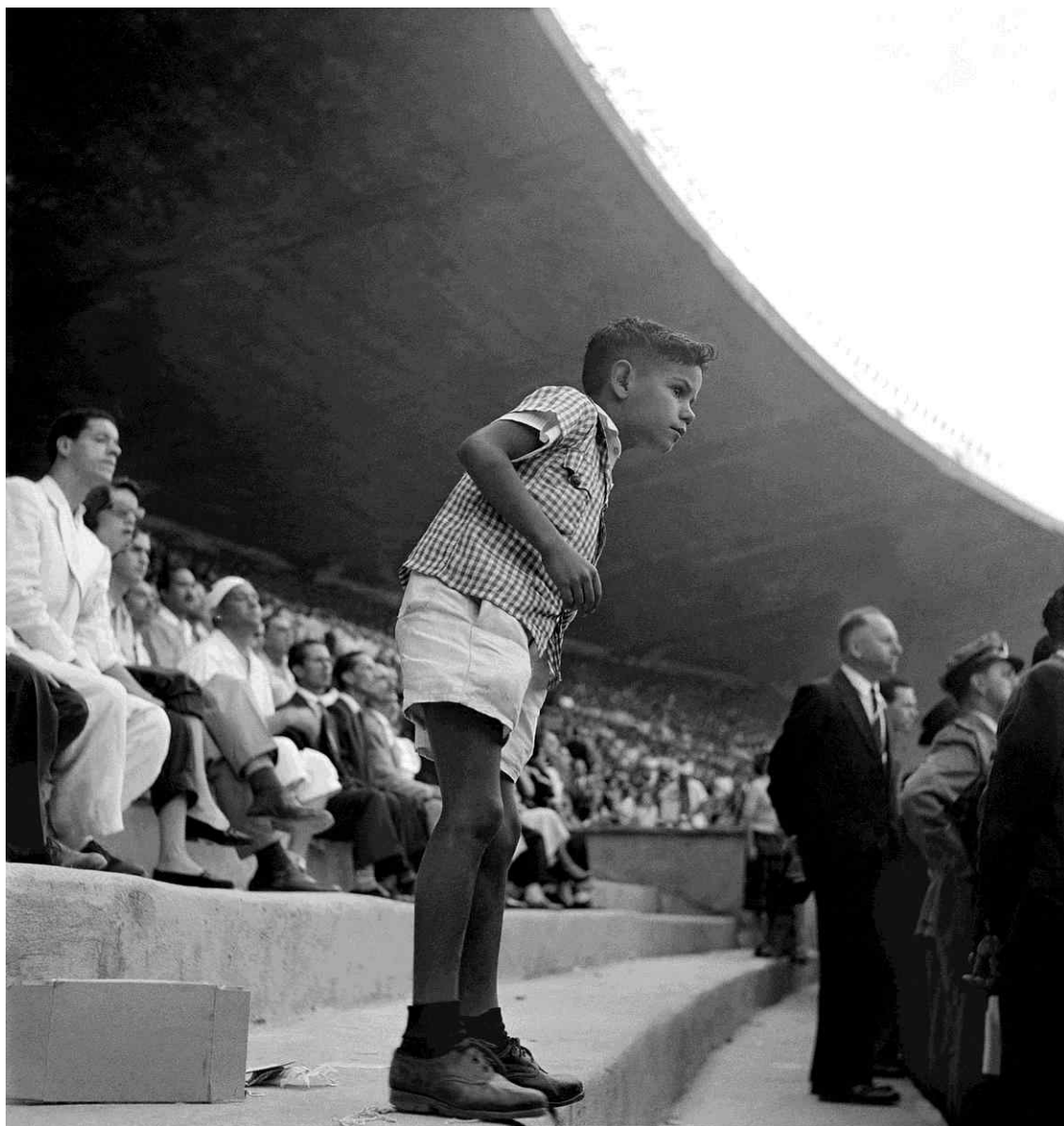
- Anexo 2



- Anexo 3



- Anexo 4



- Anexo 5



- Anexo 6

FINAL MALDITA O gol de Ghiggia (1 e 3), Mâspoli defende o último lance do jogo (2), Jules Rimet entrega a taça a Obdúlio Varela (4)



Nada deu certo na tarde em que o Brasil perdeu a Copa. Os uruguaaios venceram com raça e o gol de Ghiggia emudeceu o país

- Anexo 7



- Anexo 8



- Anexo 9



- Anexo 10



- Anexo 11





Revista **FUTLANCE!**

Hoje nas bancas **R\$ 8,90** por apenas

Os ídolos da vez

No futebol de hoje, com transferências movidas pelo dinheiro e profissionalismo, o que faz a torcida amar um jogador?

- Dorival Junior, técnico que comanda o Santos, time mais carismático da temporada
- Craques que já foram reprovados na peneira
- A Copa em imagens



Mudou!

• **Flagramos** a 'ousadia' de Dunga. No treino 'secreto', o técnico colocou Josué no lugar de Gilberto Silva, que sentiu uma pancada e pode ficar fora do jogo de amanhã **PÁGS. 4 A 9**



Josué treina no time titular



LEÃO FABULOSO
encara jejum de gols
PÁGS. 4 E 5



E reclamam do Dunga...

Alemanha cai e a Inglaterra empata de novo **PÁGS. 14 A 19**



- Anexo 13

Seleção Brasileira
★★★★★

PROBLEMA

Mudança 'secreta'

Josué é testado no lugar de Gilberto Silva, que se lesiona e vira dúvida para amanhã

Seu nome é Josué?

Se Josué ganhou o direito de titular durante o coletivo de ontem, em Jussara, o técnico da Seleção Brasileira, Dunga, não hesitou em testar o jogador de 25 anos no lugar de Gilberto Silva, que se lesiona no primeiro tempo do jogo. Josué, que jogou no Flamengo, foi substituído por Fábio de Melo no fim do jogo. Josué, que jogou no Flamengo, foi substituído por Fábio de Melo no fim do jogo.



Em destaque
Josué entra em campo no lugar de Gilberto Silva

Especialistas

Benjamin Back
"Meu lugar de Gilberto Silva é Josué mesmo. Mas se ele ficar fora, Dunga deverá usar Fábio de Melo e colocar Ramires, que é mais técnico"

Marcelo Damato
"Foi desastre técnico brasileiro, Josué não é a melhor opção, mas a única. Dunga chamou Josué porque cada posição e isso não deve mudar"

Guilherme Gomes
"É um infelizmente Dunga não abre mão de Josué mesmo, Josué é a melhor opção, logo Josué, tem boa saída de bola e não sente o peso da camisa"

Mudanças em Copa

Alemanha 2006
Dunga faz testes para a Copa de 2006, mas não há certeza de quem será o titular da Seleção Brasileira.

Japão/Coreia do Sul-2002
Dunga testa Josué no lugar de Gilberto Silva, que se lesiona no primeiro tempo do jogo.

França-1998
Dunga testa Josué no lugar de Gilberto Silva, que se lesiona no primeiro tempo do jogo.

Polícia impede 'espionagem'

Dunga faz testes para a Copa de 2006, mas não há certeza de quem será o titular da Seleção Brasileira.

- Anexo 14

R\$ 1,25 ESTADO DO RIO DE JANEIRO - PREÇO PARA: ES R\$ 2,00 E MG R\$ 1,50
RIO DE JANEIRO - QUINTA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 2010 - Nº 4599 - ANO 12
www.lance.com.br



LANCE! OPINA

DUNGA X MÍDIA: NADA A VER

Ninguém está totalmente certo, ninguém está totalmente errado na discussão de Dunga com a imprensa. O treinador é mal-humorado, teimoso, autoritário, o oposto do personagem que gerou o apelido. Ele não tem alegria nem quando ganha e deveria se mostrar mais relaxado. A parte da imprensa que ele ataca é arrogante, busca privilégios, mistura muitas vezes jornalismo com interesses comerciais. E até pessoais.

Dunga age como se todos fossem contra ele. A imprensa que ele ataca, como se fosse melhor do que todos – age como se gozasse de mais direitos.

Dunga está certo quando veta privilégios excessivos, quando põe fim à libertinagem que todo mundo apontou como uma das causas do fracasso do Brasil na Alemanha. A imprensa, mesmo a que ele ataca, está certa quando busca informação, sua matéria-prima. E satisfazer assim seu compromisso com o leitor, o espectador, o internauta.

Dunga confunde as coisas. Tem direito à privacidade, a realizar treinos secretos – desde que dentro dos regulamentos da Fifa. Mas não entende que a imprensa tem o direito – mais do que isso, o dever – de apurar, investigar, fiscalizar. E não é crime – é do bom jornalismo – encontrar uma brecha, fotografar o treino, mostrar que naquele momento houve mudanças no time. Mesmo que essas não se confirmem. A imprensa não faz isso em causa própria, mas sim porque representa o interesse e a curiosidade do povo brasileiro.

Dunga erra por não ter limites. E ao não ter limites, desrespeita o cargo que exerce. Dunga tem de entender que não é mais o cidadão Carlos Caetano Bledorn Verri. É o treinador da Seleção Brasileira. A Seleção é patrimônio do povo. O cargo é maior do que ele. A imprensa, uma outra parte, erra quando perde os limites. E desrespeita o público para o qual existe. Quando se veste da mesma arrogância, do mesmo mau humor que condena o técnico, para apenas criticar por criticar.

No fim das contas, todos perdem. Desvaloriza-se o cargo de treinador e confunde-se a sociedade quanto ao papel da imprensa. Mas é o público que perde mais. E, se perde, é porque os dois lados não se comportam como deveriam.

Clássico nas oitavas

Alemães e ingleses farão o primeiro grande duelo do mata-mata da Copa. EUA surpreendem e ficam em primeiro no Grupo C PÁGS. 14 A 18

Titulares

Dunga faz o óbvio e escala Julio Baptista para substituir Kaká contra Portugal. Elano volta a sentir dores no tornozelo e dá lugar a Daniel Alves PÁGS. 4 A 9



Julio Baptista

Daniel Alves

Luxuoso, estádio de Brasil x Portugal já nasceu contestado PÁGS. 4 E 5

Calmo e discreto, capitão Lúcio é o símbolo da nova era Dunga PÁGS. 6 E 7



Seleção Brasileira

INSPIRAÇÃO

Seleção do Soweto

A 300 metros da Seleção, Kaizer posa com seu time para o L!



● E+FOTOS
Confira o ensaio fotográfico que Ari Ferreira faz durante o treino do Kaizer 11, no Soweto
www.lancenet.com.br/emails

Conheça o Kaizer 11, time que treinou perto da Seleção e busca título na África do Sul

L!
EM JOHANNESBURGO
Enviados especiais

THIAGO SALATA
thiagos@lancenet.com.br

ARI FERREIRA
ariferreira@lancenet.com.br

● Kgotso e Thabo não jogam em nenhuma seleção. O "popular" Kaizer não treina nenhuma equipe da Copa do Mundo. Mas, para o Kaizer 11, time que leva o nome do seu treinador, o dia de ontem não foi para papercut a Seleção Brasileira.

Enquanto o time de Dunga agitou os sul-africanos no Soweto, no subúrbio de Johannesburg, a equipe de várzea treinava a cerca de 300 metros, em um campo localizado ao lado do Dobsonville.

O estádio foi utilizado pela Seleção para o treino (ler mais na página ao lado). Ouvindo vuvuzelas e a gritaria que o Brasil causou na região, o Kaizer 11 treinou visando a decisão de um torneio do Soweto, que será disputada amanhã.

A Roopeport League começou com 34 equipes amadoras. Sobram oito, que serão divididas em dois grupos de quatro. Todos os jogos finais serão no mesmo dia.

Ontem, a Seleção Brasileira deu inspiração para o Kaizer 11.

— Estamos felizes com a presença do Brasil aqui. Mas não conseguimos ingressos para o treino e preferimos treinar. É bom trabalhar ouvindo as vuvuzelas — contou Kgotso, de 27 anos, que joga tanto no ataque quanto na defesa, segundo relato empolgado do próprio. Thabo, seu parceiro, concordou enquanto vestia chuteiras para o treinamento.

O campo de várzea estava longe das melhores condições. As traves não tinham redes, por exemplo.

— A Copa do Mundo e o Brasil servem de inspiração para os meus jogadores — disse o técnico Kaizer.

O comandante é ex-jogador do Kaizer Chiefs, equipe profissional da

Durante o treino, jogadores pediram permissão ao técnico para falar com a reportagem do LANCE!

África do Sul. Atualmente, ele orienta amadores no Soweto, onde mora.

Ao ser abordado, Kaizer sorriu e falou com orgulho de sua equipe. Os jogadores o tratam com respeito e pediram permissão para falar durante a atividade de ontem.

O vestiário não existe, por razões óbvias. Todos se trocam à beira do campo. E treinam todos os dias, sempre à tarde. A maioria do time é jovem, na faixa dos 20 anos.

A noite fria já caía no Soweto quando os jogadores se apressavam para deixar o campo. A Seleção já tinha ido embora. Mas deixou inspiração de sobra para o Kaizer 11.

Quem são eles



Kaizer 11

O time foi formado e batizado pelo seu técnico, ex-jogador. A equipe de várzea treina ao lado do Dobsonville e existe há um ano. O Kaizer 11 chegou entre os oito finalistas da liga do Soweto, que começou com 34, e decidirá o título amanhã.



Kaizer

Ex-jogador do Kaizer Chiefs, time popular na África do Sul, o técnico resolveu fundar seu time para ensinar atletas amadores do Soweto, onde mora. Ele comanda diariamente os treinamentos e tem respeito do seu grupo de atletas.

Pouco ingresso e clamor por Ronaldinho

● Nem tudo foi festa na visita da Seleção Brasileira ao Soweto, ontem. E assim como o Kaizer 11, muita gente ficou fora do estádio. A polícia estimou o público no Dobsonville em entre quatro e cinco mil pessoas, mas 10 mil ingressos deveriam ter sido entregues aos torcedores.

Os sul-africanos fizeram acusações de que os bilhetes, no entanto, haviam sumido. Um carro foi visto pela reportagem com pilhas de ingressos. A distribuição começou oficialmente na quarta-feira, em escolas, mercados e outros postos.

Quem entrou, vibrou com a Seleção Brasileira, clamou por Ronaldinho Gaúcho e questionou Dunga por tê-lo deixado fora da Copa.

— Onde está Ronaldinho? — gritou o sul-africano Donet Ushonga.

Nuro Said, de Moçambique e morador do Soweto há dois anos, também não poupou reclamações.

— Sinto uma dor no coração. Dunga faz coisas que eu não entendo — disse Said, que apesar da decepção declarada não deixará a torcida pela Seleção Brasileira de lado.

— O Brasil fala a minha língua. Vou torcer. O problema é o começo. Mas, se chegar até as quartas, será campeão do mundo — decretou.

Aposta



Kaizer
TREINADOR DO
KAIZER 11

"Brasil é um grande time, um dos favoritos para ganhar a Copa do Mundo. Não tenho dúvida. Esse ambiente na África do Sul nos inspira"

L! EXPLICA SOWETO



O termo é a abreviação de South-West Township, ou Cidadela do Sudoeste. É um subúrbio de Johannesburg, famoso na época do Apartheid pela resistência ao regime de segregação racial. A população estimada é de 4,3 milhões de pessoas. Em 1976, a região teve um marco negativo: dez mil estudantes protestaram contra a inferioridade das "escolas negras" na África do Sul e foram reprimidos brutalmente pela polícia. A rebelião sangrenta ficou conhecida na História como Levante de Soweto.

Preferido



Kaizer
SOBRE CRAQUES

"O melhor jogador da Seleção Brasileira, para mim, é Robinho. Gosto muito de suas habilidades. Eu também jogava, agora só dou treino"

- Anexo 16



- Anexo 17

Copa 2010

CAOS GENERALIZADO

Quase tragédia

Confusão em amistoso da Nigéria com a Coreia: portão arrombado deixa 20 feridos

Momento de maior tensão: torcedores correm no chão após tentarem entrar no estádio. Muitos inclusive correm sem camisa e sem camisa. Nela está na mesa em estado grave ferido mortal. Ferimentos, choros após ser atingido por torcedores

TV LANCE!

e+Seleção

TV LANCE!

Diário de Tombisa

Pedro Henrique Torre

Será nesta África que haverá a Copa?

A grande maioria de chegar ao portão seria para ver o jogo de futebol. Entretanto, muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol. Muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol. Muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol.

Repasse de ingressos na confusão

Frank Ushak

Um dos grandes problemas para o jogo de futebol em Tombisa foi o repasse de ingressos. Muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol. Muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol.

Para lembrar

Em 1998

Superfície no estádio de Olinda, não é o mesmo que o estádio de futebol. Muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol. Muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol.

Itaú

Itaú

Para lembrar

Em 1998

Superfície no estádio de Olinda, não é o mesmo que o estádio de futebol. Muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol. Muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol.

Para lembrar

Em 1998

Superfície no estádio de Olinda, não é o mesmo que o estádio de futebol. Muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol. Muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol.

Para lembrar

Em 1998

Superfície no estádio de Olinda, não é o mesmo que o estádio de futebol. Muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol. Muitos outros, dizem que não vão ao jogo de futebol, mas sim para ver o jogo de futebol.



Revista **FUTLANCE!**

Hoje nas bancas por apenas **R\$ 8,90**

Os ídolos da vez

No futebol de hoje, com transferências movidas pelo dinheiro e profissionalismo, o que faz a torcida amar um jogador

- Dorival Junior, técnico que comanda o Santos, time mais carismático da temporada
- Craques que já foram reprovados na peneira
- A Copa em imagens



o Repórter do LANCE! entram no Estádio Soccer City sem credencial e sem ingresso e assistem ao jogo da Argentina. Agente da Fifa já alertara para problemas da segurança

PÁG. 24

Segurança falha!

Argentina acordou!

Hermanos goleiam Coreia do Sul por 4 a 1 e Maradona beija seus jogadores PÁGS. 20 A 23



Definição em um mês

CBF anunciará o futuro da Copa de 2014 em São Paulo no dia 13 de julho PÁG. 8



Au revoir, Les Bleus!

França perde para o México e tem sua classificação no Grupo A ameaçada PÁGS. 16 E 17



Vire e veja a capa dos clubes

Guia LANCE! da Copa 2010
Garanta já o seu. Nas bancas, por apenas R\$ 9,90



ASSINE
De 2ª a 6ª das 7h às 19h
Sáb./Dom./Fer. das 7h às 13h

Rio: (0xx21) 3528-5331 e 3528-5334 São Paulo e Minas Gerais: 0800-979-0991 ou acesse: www.lancenet.com.br/assinatura
e-mail: assinatura@lancenet.com.br





